

**MATCH**  
*imperfeito*

# Dimple



**DIMPLE** não conseguia parar de sorrir. Parecia que os cantos de sua boca estavam sendo puxados por arames, como se ela fosse uma marionete.

Ok. Ou talvez fosse alguma coisa menos bizarra. A questão é: o desejo de sorrir era irresistível.

Dimple abriu o e-mail de novo e leu. *Stanford*. Ela ia para Stanford. Apesar de a carta de admissão ter chegado pelo correio semanas atrás, ela não tinha se permitido acreditar de verdade, até que as informações para fazer a matrícula finalmente chegaram por e-mail. Pensou que, no último instante, seu pai voltaria atrás e não lhe daria o dinheiro da anuidade. Ou que sua mãe ligaria para lá e diria que Dimple tinha mudado de ideia (e, se você acha que a mãe dela nunca faria uma coisa dessas, é porque não a conhece).

Mas não, tinha dado certo. Tudo estava acertado. Ela estava oficialmente matriculada.

Agora, se desse para...

Dimple clicou em outra janela aberta, e seu sorriso se esvaiu só um tantinho.

Insônia Con 2017: Uma oportunidade fabulosa para dar um gás no currículo de alunos do último ano do Ensino Médio ou recém-formados! Neste verão, venha aprender o básico do desenvolvimento web no ensolarado campus da UESF!

“Ah, cala a boca e pega logo meu dinheiro”, pensou Dimple.

Mas não era assim tão simples. Seria uma oportunidade incrível – isso era bem verdade. Ela sairia na frente de todos quando as aulas começassem em Stanford, no outono. E imagina só os contatos que faria! Alguns dos maiores nomes do desenvolvimento web tinham passado pela Insônia Con da Universidade Estadual de São Francisco: Jenny Lindt, por exemplo. A mulher era um gênio. Basicamente projetou e programou o aplicativo Meeting Space, que vale um bilhão de dólares, e o site do zero. Dimple ficava salivando só de pensar em frequentar as mesmas aulas que ela, participar das mesmas atividades, andar pelo mesmo campus que Jenny tinha andado.

Mas não sabia se podia abusar da sorte com os pais. O curso de verão custava mil dólares. E, por mais que seu pai e sua mãe fossem de classe média, bem, não eram ricos. Isso sem falar que já tinha claramente abusado da sorte até onde podia. Ao pedir – não, choramingar – para que a deixassem ir para Stanford. Tinha certeza de que o único motivo que os fez concordarem é porque, lá no fundo, esperavam que Dimple encontraria o M.I.I. dos sonhos dela – dela não, *deles* – na prestigiosa universidade.

M.I.I., para quem não sabe, quer dizer *Marido Indiano Ideal*.

*Argh*. Só de pensar nisso, tinha vontade de chorar como uma alma penada, afundando o rosto no travesseiro.

– Diiiiimpleeee? – sua mãe gritou com a voz aguda e desesperada de sempre.

Quando Dimple era mais nova, teria descido correndo pela escada, com o coração a mil, apavorada, achando que algo horrível tinha acontecido. E, toda vez, sua mãe estava fazendo algo corriqueiro, tipo mexendo no armário da cozinha, e a recebia como se não fosse nada,

dizendo: “Você viu meu açafrão?”. Sua mãe nunca entendeu por que isso deixava Dimple tão enfurecida.

– Só um minutinho, mãe! – gritou ela, sabendo muito bem que demoraria mais do que um minutinho. Dimple sabia que não precisava correr quando sua mãe a chamava. Tinham chegado a uma trégua difícil: a mãe não precisava modular o tom de voz se Dimple não tivesse que largar tudo e sair correndo para resolver suas emergências com o açafrão.

Ficou clicando na galeria de fotos do site da Insônia Con por mais cinco minutos, suspirando ao ver a estrutura gigante de aço e vidro do edifício, os nerds de tecnologia reunidos em grupinhos convidativos, as fotos dos vencedores anteriores – radiantes – do lendário show de talentos que dava um prêmio em dinheiro para investir em seus aplicativos ou sites. Dimple seria capaz de matar para ser um deles algum dia.

Os participantes da Insônia Con tinham como missão inventar um conceito de aplicativo que fosse o mais inovador possível durante o mês e meio que passariam no campus da UESF. Mesmo sendo impossível programar um app inteiro neste prazo, a ideia era fazer o máximo que dava até a rodada de avaliação. Corriam boatos de que, neste ano, os vencedores teriam a oportunidade de ter seus conceitos criticados pela própria Jenny Lindt. Isso, *sim*, seria incrível.

Dimple fez uma prece rápida, pedindo para ganhar mil dólares na loteria. Desligou o computador, alisou a blusa cinza e surrada do *salwar kameez* – aquele conjunto de calça e túnica tradicional indiano – e desceu as escadas.

– *Woh kuch iske baare mein keh rahi thi na?* – dizia seu pai. “Ela não lhe falou nada sobre isso?”

Dimple ficou parada, de orelha de pé. Será que estavam falando dela? Tentou ouvir mais, mas sua mãe estava falando muito baixo, e não conseguiu entender nada. Claro. Quando ela *queria* ouvir, a mãe resolvia falar baixo e ser discreta. Suspirando, entrou na sala.

Teria sido só sua imaginação ou seus pais pareciam um pouco corados? Quase... culpados? Fez cara de desconfiada e perguntou:

– Mãe, pai. Estão precisando de alguma coisa?

– Dimple, me conte de novo... *oh*. – A expressão culpada sumiu do rosto da mãe, que retorceu os lábios pintados de magenta, examinando a aparência de Dimple. – Está de óculos? – disse, apontando para os óculos da filha, apoiados na ponta do nariz, como sempre. O olhar de sua mãe vagou (com os olhos espremidos, de reprovação) pelo cabelo despenteado, preto e cacheado de Dimple (que ela se recusava a deixar crescer mais do que a altura dos ombros), para seu rosto tão absolutamente sem maquiagem e, infelizmente, sem sombra das covinhas que se formavam quando sorria, que inspiraram sua mãe a lhe dar seu nome, em inglês.

“Ela deveria ficar feliz por eu ter escovado os dentes hoje de manhã”, pensou a garota. Só que sua mãe jamais entenderia a aversão da filha por maquiagem e pela moda. Semana sim, semana não, uma das tias da Associação Indiana aparecia para ajudar sua mãe a tingir as raízes do cabelo de preto enquanto seu pai estava trabalhando. Ele achava que os fios da esposa ainda tinham a cor da juventude.

– Cadê suas lentes de contato? E lembra que eu te ensinei a usar kajal?

Kajal é o delineador de potinho que foi tremendamente popular na juventude de sua mãe, uma tendência que, pelo jeito, ela não percebeu que morreu lá nos anos 1970.

– Lembro muito bem – murmurou Dimple, tentando disfarçar a irritação. Ao lado da mãe, seu pai, que sempre tentava pôr panos quentes, estava fazendo uma cara disfarçada de “por favor, deixa para lá”. – Eu acabei de me formar, só faz três dias, mãe. Será que não posso tirar essa semana para relaxar e ficar de preguiça?

Nesse momento, a cara do pai ficou parecendo um *roti* que ficou tempo demais na frigideira.

– Relaxar e ficar de *preguiça*? – esbravejou a mãe. Sua pulseiras de vidro fizeram barulho, junto com o grito. – Você acha que vai conseguir achar um marido ficando de *preguiça*? Você acha que, nos últimos 22 anos, desde que me casei com seu pai, eu tive um minuto para ficar de *preguiça*?

“Claro que não. A senhora estava ocupada demais sendo superprotetora”, pensou Dimple. Então mordeu a língua e se afundou no sofá, sabendo que, quando sua mãe começava a falar, continuaria falando por um bom tempo. Era melhor deixá-la falar até esgotar as palavras, como aquelas dentaduras de corda que a gente compra na loja de fantasias. Dimple poderia dar um milhão de respostas amargas, claro, mas ainda não tinha descartado a possibilidade de pedir para participar da Insônia Con, se surgisse a oportunidade. Era melhor se segurar.

– Não, não tive – continuou sua mãe. – “Preguiça” não deveria fazer parte do vocabulário de uma mulher. – Ela ajeitou o *dupatta* roxo do seu *salwar kameez* rosa e dourado e se recostou no sofá. Mais parecia uma flor indiana reluzente, que Dimple sabia que jamais seria.

– Sabe, Dimple, uma filha adulta é um reflexo da mãe. O que as pessoas da comunidade vão pensar de mim se virem você... assim. – Nessa hora, meio que apontou para a filha. – Não que você não seja bonita, *beti*, você é. O que torna tudo ainda mais trágico...

Dimple sabia que não devia responder. Mas a faísca de mau humor que se acendeu nela tornou praticamente impossível estancar a torrente de palavras que saíram de sua boca.

– Essa é uma visão *tão* misógina, mãe! – disse, levantando de repente e ajeitando os óculos. Seu pai estava resmungando alguma coisa àquela altura. Podia até estar rezando.

A mãe parecia não acreditar no que estava ouvindo.

– Misógina! Você chamou sua própria mãe de misógina? – Lançou um olhar indignado para o pai que, pelo jeito, estava extremamente

concentrado em um fio solto de sua *kurta*. Em seguida, se virou para Dimple e disparou: – É por isso que eu me preocupo! Você está perdendo de vista o que é *importante*, Dimple. Ficar bonita, se esforçar... são essas coisas que as meninas dão valor na nossa cultura. Não essa – ela fez aspas no ar, coisa que, até então, Dimple não havia percebido que sua mãe sabia empregar – história de “misoginia”.

A garota resmungou e levou as duas mãos à cabeça, se sentindo como aquela velha panela de pressão que sua mãe ainda usava quando fazia os bolinhos *idli*. Tinha certeza de que podia explodir de verdade. Não tinha como ela e a mãe terem os mesmos genes: deviam até vir de duas espécies completamente diferentes.

– Sério? É para isso que eu deveria usar minha massa cinzenta? Ficar bonita? Tipo, se eu não fizer um esforço para ficar bonita, toda a minha *existência* é nula? Nada mais importa: nem meu intelecto, nem minha personalidade, nem minhas conquistas. Meus sonhos não significam nada se eu não estiver de *delineador*? – Sua voz fora subindo pouco a pouco, até ecoar na sala de pé direito alto.

A mãe concentrou-se naquele detalhe e levantou para encará-la.

– *Hai Ram*, Dimple! Não é delineador: é kajal!

A garota ficou ainda mais irritada: a água fria da decepção amenizava muito de leve o calor do momento. As duas já haviam tido aquela discussão tantas vezes que ela e a mãe, provavelmente, seriam capazes de dizer as mesmas falas uma da outra. Parecia que as duas sempre estavam falando duas línguas diferentes, uma tentando convencer a outra de um léxico alienígena. Por que a mãe não era capaz de fazer o *mínimo* esforço para entender o que filha estava dizendo? Será que realmente achava que Dimple não tinha nenhuma contribuição de valor além de sua aparência? Só de pensar, a pulsação de Dimple disparou. A garota inclinou o corpo para frente, com o rosto em chamas, prestes a falar tudo que realmente sentia...

A campainha ecoou pela casa, fazendo todos se calarem. O coração de Dimple ainda batia acelerado, mas ela sentiu todos os milhões de

antigas discussões ficarem em suspenso, as palavras presas em sua garganta.

Minha mãe ajeitou o *dupatta* – o xale comprido tinha começado a cair no meio da discussão – e respirou fundo.

– Nossas convidadas chegaram – disse, com falsa tranquilidade, alisando o cabelo. – Posso confiar que você vai se comportar na frente delas?

O pai olhou para ela com os olhos arregalados, de súplica.

Dimple conseguiu balançar a cabeça de leve, pensando: “Salva pelo gongo, mãe. A senhora não sabe a sorte que tem”.



# Dimple



A **MÃE** de Dimple saiu correndo da sala, deixando um rastro de sândalo no ar, e foi abrir a porta. A garota tentou respirar fundo para se acalmar. “Só mais alguns meses e estarei em Stanford”, tentou lembrar. E, se conseguisse participar da Insônia Con, estaria livre logo, logo.

– Olááááá! – Dimple ouviu depois de um instante. A palavra ecoou estridente, como se fosse o canto de um passarinho irritante.

Seu pai fez careta.

– Tia Ritu – disse, meio resignado, meio irritado. Esticou o braço e pegou o celular. – Chamada importante – murmurou e sumiu da sala.

– Traidor – resmungou Dimple, baixinho, pelas costas. Levantou e juntou as mãos bem na hora em que tia Ritu virou na cadeira de rodas, empurrada, como sempre, por sua nova nora calada e observadora, Seema. – Namastê, tia Ritu. Namastê, *didi* Seema.

Tecnicamente, Ritu não era sua tia, e Seema não era sua *didi* – irmã mais velha. Mas o costume ditava que todos deviam ser respeitosos com os mais velhos, uma lição que lhe foi inculcada desde bebê. E, mesmo assim, sem saber o porquê, Dimple se via

questionando isso – tudo, na verdade – o tempo todo. Sua mãe sempre lamentava que a primeira palavra da filha tinha sido “porquê”.

– Namastê! – disse tia Ritu, radiante. Atrás dela, Seema ficou só olhando, sem sorrir, atrás de uma cortina de cabelos longos, pretos e lisos.

– Sente-se, por favor, Seema – disse minha mãe. – Aceitam um *chai*? Biscoitos? Tenho aqueles da Parle-G, que comprei especialmente para você no mercado indiano.

A mãe de Dimple estava sempre decidida a fazer Seema se sentir à vontade. Na sua opinião, Seema era reservada assim porque tia Ritu não se esforçara o bastante para fazer a nora se sentir bem-vinda em sua *sasural* – a casa do casamento. Isso criou uma rivalidade estranha entre tia Ritu e a mãe de Dimple. A garota tinha pena de Seema, que fora pega feito uma mosca na teia da loucura das duas mulheres.

– Ah, eu e Seema descobrimos um outro que ela gosta mais – respondeu tia Ritu. – Os da Milano. Não é mesmo, Seema? Fala pra ela que você adora.

– São uma delícia – disse Seema, obediente.

Depois de alguns instantes – durante os quais, talvez, tenha ficado esperando mais uma ordem –, Seema se sentou na poltrona vazia ao lado de tia Ritu. Dimple também se sentou.

– Ah, também temos! – anunciou a mãe da garota, triunfante. – Vou buscar. E *chai* para todos.

Sozinha com as visitas, Dimple ajeitou os óculos e tentou vasculhar os pensamentos em busca de algo para dizer. Ainda bem que tia Ritu tinha graduação em amenidades.

– Então! Tudo pronto para Stanford, Dimple? Sua mãe não para de falar nisso!

– Sério? – perguntou Dimple, sorrindo, emocionada.

Não tinha ouvido a mãe falar muita coisa de Stanford, além de lamentar o preço alto da universidade particular. O comentário só demonstrava que, bem lá no fundo, a mãe *estava* orgulhosa da

inteligência da filha única. Talvez, apesar das dúvidas de Dimple, a mãe realmente quisesse que a filha estudasse na melhor universidade possível, por mais que fingisse estar...

– Sim! Tantos rapazes vão para lá estudar engenharia. Você vai ter que fisgar algum – falou tia Ritu, virando para Dimple com um brilho de expectativa no olhar.

Claro. Dimple deveria ter adivinhado. Era aquela bobagem de M.I.I. de novo. Suspeitava que toda a comunidade de tias estava nessa. Mais parecia uma versão bizarra de um clube de *geocaching*, aquela caça ao tesouro por GPS. No instante em que a filha de alguém completava 18 anos, todas as tias começavam a traçar o caminho mais curto da casa dos pais ao maior dos prêmios: a *sasural*.

– Certo... Mas, na verdade, estou mais interessada no curso de tecnologia – respondeu Dimple, obrigando-se a continuar sendo educada.

Seema se remexeu na poltrona, incomodada com aquela demonstração de assertividade, mas tia Ritu apenas ignorou, como se pensasse que Dimple estava sendo recatada – e quem é que iria para a universidade com outro propósito que *não* fisgar um namorado casável? Dimple pensou na Insônia Con, em Jenny Lindt, na UESF, em Stanford. Em todas as coisas que arriscaria perder se desse uma resposta atravessada para tia Ritu, dizendo que ela era uma velharia antifeminista em plena sociedade democrática.

Ainda bem que sua mãe voltou bem na hora, com os braços tremendo de segurar a pesada bandeja prateada com bule, xícaras, biscoitos e pratos. – *Chalo, chai aur, petiscos ho jayen!* E trouxe mais *shakkar* para você, Seema, sua formiguinha!

Ela deu uma gargalhada exagerada, e Dimple teve que morder a própria bochecha para não dar risada da expressão petrificada de Seema. A mulher ficava tão incomodada com o interesse que sua mãe demonstrava por ela. E, mesmo assim, não fazia ideia de como pôr fim naquilo. Dimple se sentia mal pela outra garota, mas não o

suficiente para fazer algum comentário: se prestassem atenção em Seema, prestariam menos atenção nela.

Sua mãe pôs a bandeja na mesinha de centro, e todo mundo se serviu.

– Então, onde fica Stanford mesmo? – perguntou tia Ritu, entre uma mordida e outra. – São Francisco?

Uma estranha quietude veio do lado do sofá onde sua mãe estava sentada, e Dimple tentou, sem sucesso, decifrá-la.

– *Áhn*, mais ou menos – respondeu, virando-se para tia Ritu. – Fica a uns quarenta minutos da saída sul de São Francisco, na verdade.

– Que pena – retrucou tia Ritu, pegando mais um biscoito, exatamente o mesmo que Seema ia pegar. A mão de Seema murchou, e ela se endireitou na poltrona, desistindo completamente de pegar outro biscoito. A mãe de Dimple, dando um sorriso presunçoso, pôs dois biscoitos em um prato e entregou para Seema. Tia Ritu, sem tomar consciência de toda essa interação, continuou falando: – Dizem que São Francisco é uma cidade tão linda... Cheia de oportunidades para os jovens.

Ok. Dimple não podia ter pedido uma oportunidade mais perfeita. Nem se ela própria tivesse cavado, entre arco-íris e raios de sol. Limpou a garganta. Talvez, na presença de Seema, sua mãe quisesse parecer mais magnânima.

– Na verdade, é interessante a senhora ter tocado nesse assunto – disse. Tomou um gole de chá quente para criar coragem e prosseguiu: – Tem uma oportunidade em São Francisco *sim*, no verão, na qual estou interessada. A senhora se lembra que eu comentei, mamãe? – Obrigou-se a manter uma expressão calma e casual, como se pedir mil dólares para os pais para uma coisa dessas fosse algo que fizesse todo dia, nada demais.

– *Hmm?* – Sua mãe parecia distraída, soprando o chá. – Aaah, aquela coisa de... desenvolvimento web?

Uau. Dimple tinha subestimado a mãe – talvez ela prestasse mesmo atenção.

– *Aham*, isso mesmo! – Nessa hora, deu um sorriso animado. – A Insônia Con, no campus da UESF. Começa daqui a três semanas, e é um curso tão fantástico! Algumas das maiores mentes da tecnologia passaram por ele. Dura seis semanas e se aprende tanto. Seria uma grande ajuda, uma preparação para Stanford. Mas é bem caro...

Deixou a frase no ar e ficou vermelha ao perceber que tia Ritu a observava, interessada. Até a Seema Silêncio parecia estar examinando o reflexo de Dimple na bandeja prateada.

– Acho que vale a pena, se vai ajudar na sua carreira – comentou tia Ritu, quebrando o silêncio. Dimple levantou os olhos, surpresa. Não que não ficasse grata pela ajuda, mas era inevitável não ficar surpresa com aquele comentário súbito. Desde quando tia Ritu pensava em construção de *carreira* para uma mulher? – Por que você não conversa com Vijay a respeito, Leena?

Dimple olhou para tia Ritu sem acreditar, e tia Ritu lhe deu uma piscadela.

Instantes depois, sua mãe gritou, chamando o pai.

– *Vijay! Idhar aayiye!*

O pai entrou na sala, com uma cara desconfiada, que logo se converteu em um sorriso carinhoso para as visitas.

– Oi, Ritu. Oi, Seema.

*Didi* Seema levantou imediatamente, juntou as mãos e respondeu:

– Namastê, tio Vijay.

– Sente-se. Por favor, sente-se.

O pai da garota se sentou ao lado da esposa e, em uma fração de segundo, esticou a mão e pegou um biscoito Milano.

A mãe e Dimple disseram na mesma hora:

– Não!

Mas ele enfiou o biscoito na boca e deu um sorriso envergonhado.

Dimple tocou o nariz com dois dedos e falou:

– Pai, o senhor é diabético!

A mãe suspirou, dramática:

– *Kya aap mujhe vidhwaa chodna chahte ho?*

Dimple revirou os olhos ao ouvir as palavras da mãe.

– É diabetes, mãe. Não acho que ele vai morrer e deixar a senhora viúva tão cedo.

Tia Ritu estava acompanhando aquele pequeno drama familiar com interesse, mas Seema parecia ter vontade de estar em qualquer lugar que não fosse ali.

– Se ele não tomar o remédio como deve, vai sim! Checar a glicose, fazer uma dieta balanceada... Ele não quer fazer nada disso!

A ponta das orelhas do pai de Dimple começaram a ficar vermelhas, e ele limpou a garganta.

– Ok, ok. Por que você me chamou mesmo?

O clima na sala ficou tenso. A mãe de Dimple ajustou o *salwar kameez* e olhou para a filha.

– Conta para o seu pai o que você me contou.

Mal conseguindo respirar, Dimple repetiu, *ipsis litteris*, o que tinha acabado de dizer para a mãe.

– Posso passar o link do site, se o senhor quiser dar uma olhada – concluiu.

Os pais da garota se entreolharam. Isso sempre a impressionava, como os dois conseguiam se comunicar sem palavras, sem dizer nada. Dimple ficou imaginando como seria ter um laço tão intenso assim com alguém. Mesmo preferindo usar o kajal todo dia a admitir tal coisa, Dimple às vezes sentia uma pontada de dor ao pensar que jamais teria isso. Porque – e tinha certeza disso – o tipo de laço que seus pais tinham requeria um sacrifício que jamais estaria disposta a fazer.

Por fim, o pai se virou para Dimple e disse:

– Sim, gostaria de ver o site. Mas acho que tanto eu quanto sua mãe achamos que você deve ir.

As bochechas do pai estavam levemente rosadas, assim como as pontas das orelhas peludas, como se estivesse envergonhado de dar essa demonstração de carinho.

Um segundo, dois segundos, três. Dimple piscou, sem saber direito o que acabara de acontecer. E então seu corpo entrou em sintonia com o cérebro.

– Ai, meu Deus. Obrigada, vocês dois!

E aí soltou um gritinho e abraçou os pais.

Sério? Esse tempo todo, era só disso que precisava? Pedir coisas a mamãe enquanto tia Ritu e *didi* Seema estavam presentes?

Seus pais deram uma risadinha e tapinhas em suas costas. Dimple se afastou e sorriu para os dois, ainda sem conseguir acreditar. Tinham acabado de permitir que ela fosse para São Francisco, participar da Insônia Con. Simples assim, não parecia verdade. Ela tinha que comprar um presente para tia Ritu.

– Essa é uma ótima notícia! – disse tia Ritu, batendo palmas. – Leena, antes dela ir para São Francisco, você devia levá-la para comprar um *salwar kameez* novo. – A mulher mais velha observou o modelito de Dimple, com pena. – É óbvio que ela precisa de ajuda, *na*.

– Boa ideia. E kajal, é claro – respondeu a mãe, balançando a cabeça com ar de triunfo.

Ok, talvez tia Ritu não ganhasse presente nenhum.

# Rishi



**A GAROTA** estava fazendo cara feia. Literalmente, *cara feia*.

Era bonita, com o cabelo preto despenteado e olhos castanhos enormes, escondidos atrás dos óculos de armação quadrada. E baixinha, um par perfeito para ele, que tinha 1,72 metros de altura. Mas aquela cara feia...

Rishi devolveu a foto para os pais.

– Ela não me parece muito... feliz, né?

A mãe pôs a foto dentro do envelope e devolveu para o filho guardar.

– Ah não, não se preocupe, *beta*. Provavelmente, só tiraram a foto no momento errado.

Seu pai a abraçou e deu risada.

– Você se lembra de como eu e sua mãe nos conhecemos?

Rishi deu um sorriso, esquecendo-se das preocupações. A história era uma lenda da família. Depois de alguns minutos de terem se conhecido, a mãe bateu no pai com uma sombrinha, porque o homem tinha roubado o lugar dela no ônibus. Em sua defesa, o pai argumentava que não a tinha visto na fila (ela era *mesmo* meio baixinha). E, em sua defesa, a mãe dizia que aquele tinha sido um



longo dia, arrastado, de chuva, com a enchente das monções. Aquele lugar no ônibus era a única coisa que tinha dado certo para ela. O que tornava a história mais engraçada era que o pai estava indo para a casa da mãe, conhecer os pais dela para combinar o casamento arranjado.

– O senhor acabou dando o lugar para mamãe mesmo assim – disse Rishi. – Mesmo depois de ela bater no senhor com a sombrinha.

– Ou talvez tenha sido *por causa* disso – completou a mãe, com um olhar sugestivo. – Vocês, homens, são todos iguais: precisam de uma mulher forte para continuarem na linha.

– Mas não forte demais – retrucou Rishi, pensativo, olhando para o envelope em cima do balcão. – Dimple Shah parece... difícil.

– *Na, beta*, conhecemos Leena e Vijay Shah há décadas. Você até deve lembrar deles de alguns dos casamentos que fomos ao longo dos anos – explicou o pai, mas Rishi não lembrava nem um pouco daquela garota. E, com certeza, lembraria dela. – *Hmm*, talvez não, você era tão novo... De qualquer modo, são uma boa família, Rishi. Sólida. Do mesmo bairro de Mumbai que nós. Dê uma chance a ela, *toh, beta*. E, se você não se entenderem... – ele deu de ombros e completou – ...é melhor descobrir agora do que daqui a dez anos, não?

Rishi balançou a cabeça e terminou de tomar o *chai*. Isso era verdade. Que mal tinha, de qualquer modo, fazer um curso de duas semanas em São Francisco para conhecer Dimple Shah? Claro que a garota já tinha concordado com isso, e também devia achar que era uma boa ideia. Tudo parecia bem no papel. Rishi tinha que admitir. Dimple acabara de se formar no Ensino Médio, como ele. E, ao que parecia, tinha entrado na Universidade de Stanford. O que, é claro, era do outro lado do país, já que Rishi ia para o MIT. Mas o garoto tinha certeza de que podiam dar um jeito. Os pais dos dois já se conheciam e tinham a impressão de que as personalidades dos filhos seriam compatíveis. Dimple também tinha nascido e sido criada nos

Estados Unidos. Deviam ter muita coisa em comum. Além disso, desde quando seus pais lhe davam conselhos furados? Era só olhar para os dois, abraçados, com um brilho nos olhos de expectativa pelo filho mais velho. Eram o próprio casal-propaganda do casamento arranjado.

– Ok, pai – respondeu Rishi, sorrindo. – Vou fazer o curso.

Rishi assobiou quando entrou no quarto, com o coração leve como um balão de hélio, contra a sua vontade. Acreditava plenamente que comédias românticas eram imbecis. Na vida real, não existe essa coisa de “insta-amor” durar para sempre. Rishi tinha visto dezenas de seus amigos – de todas as etnias – se apaixonarem no começo do ano letivo e se tornarem inimigos mortais no fim do último bimestre. Ou pior: se tornarem nada, apáticos. Sabia, de observar os próprios pais, que o que realmente importava era a compatibilidade e a estabilidade. Não queria um milhão de momentos românticos, dramáticos, de fazer o coração saltar pela boca – só queria uma parceria longa e sustentável.

Mas, apesar de todo o seu pragmatismo, conseguia imaginar *aquela garota* fazendo parte de sua vida. Já sabia, desde a primeira vez que vira a foto de Dimple, que a história dos dois se tornaria meio que uma lenda, que nem a da mãe batendo no pai com a sombrinha. Dimple faria algum comentário engraçado e fofo sobre o dia em que a foto foi tirada, e aquilo encheria o coração de Rishi de ternura por ela. Talvez os pais da garota tivessem escolhido mandar aquela foto justamente porque queriam transmitir sua personalidade brincalhona.

E se tudo desse certo? E se os dois descobrissem que eram, de fato, tão compatíveis quanto os pais haviam previsto? A vida de Rishi estaria *encaminhada*. Tudo iria para o seu devido lugar. Rishi iria para o MIT. Ela talvez pedisse transferência para lá ou algum lugar mais perto. Os dois podiam se conhecer, namorar por uns dois anos enquanto estivessem na faculdade. E, quem sabe, se casar depois da formatura. Rishi cuidaria de Dimple, e ela cuidaria dele. E, alguns anos depois disso... os dois fariam dos pais, avós.

Mas Rishi estava pondo o carro na frente dos bois. Primeiro, tinha que conhecê-la, ver o que ela pensava de tudo aquilo. Talvez quisesse se casar antes de se formar.

Parou de repente quando viu Ashish se esparramando, com aquelas pernas de louva-deus esticadas, ocupando cada centímetro do sofá de dois lugares. Seu cabelo tinha crescido, formando cachos que caíam nos olhos. Estava, como sempre, de uniforme de basquete.

O fato de ser férias de verão não tinha a menor importância. O basquete e Ashish tinham um relacionamento sério desde que o garoto estava no Ensino Fundamental. Agora, oito anos depois, Ashish era tão bom que fazia parte do time do colégio. O único aluno do primeiro ano na equipe. Passara o verão inteiro treinando, em um curso especial para atletas-prodígio.

– Cara, tira esses seus pés fedorentos da almofada. Quantas vezes mamãe vai ter que te dizer? – Rishi chutou o pé do irmão mais novo, mas ele não se mexeu.

Na TV, alguém marcou um ponto, e Ashish resmungou:

– Ah, cara. Você é pé frio, *bhaiyya*.

– Pode até ser, mas acho que não para mim. *Minha* sorte está prestes a mudar, meu amigo. Vou fazer o curso. Vou para São Francisco.

Rishi sentiu um frio na barriga. Se estava contando para o irmão, é porque era verdade.

Ashish tirou o som da TV e foi sentando, devagar. Rishi tentou não sentir muita inveja dos músculos proeminentes do irmão mais novo. “A gente tem interesses muito diferentes”, tentou se convencer.

– Fala que você está de brincadeira.

Rishi sacudiu a cabeça e se atirou no lugar vago ao lado de Ashish.

– Não.

– Você vai mesmo conhecer aquela... garota-dragão?

Rishi deu um soco no braço de Ashish e tentou não se encolher de dor na mão.

– Ei. Não se esqueça, quando a mamãe e o papai se conheceram...  
Ashish resmungou e se acomodou no sofá.

– É, *acho* que já peguei a história depois de ter ouvido quatro milhões de vezes. – Mas então fez uma cara séria e completou: – Olha, cara. Eu sei que a gente... nem sempre vê as coisas da mesma maneira. Você é, tipo, um adolescente esquisito de 35 anos. Mas não acha que está se apressando? Primeiro o MIT, e agora essa garota e a Insônia Con... Quer dizer, e os seus quadrinhos?

Os ombros de Rishi ficaram tensos antes que seu cérebro pudesse processar completamente o que o irmão estava dizendo.

– O que tem eles? – perguntou, com o cuidado de manter um tom leve e casual. – São só um *hobby*, Ashish, coisa de criança. Isso é vida real. Não estou mais no Ensino Médio.

Ashish encolheu os ombros.

– Eu sei. Só acho, quer dizer, ir para a faculdade não significa desistir de tudo, né? Tipo, eu tenho planos de jogar basquete na faculdade. Por que você não pode fazer o que quer?

Rishi sorriu de leve.

– E o que te faz pensar que não é isso que eu quero?

Os olhos de seu irmão, do mesmo tom de mel que os dele, ficaram vasculhando seu rosto, em busca de algo. Por fim – sem ter encontrado, pelo jeito –, Ashish desviou o olhar.

– Você que sabe, cara. Desde que esteja feliz.

Rishi sentiu uma pontada de alguma coisa ao olhar para seu irmão mais novo.

Ashish já era quase três centímetros mais alto do que ele. Os dois eram tão diferentes... Para Ashish, Rishi era apenas uma relíquia esquisita, uma coisa que cabia na época em que seus pais moravam na Índia, não ali, nos Estados Unidos da modernidade. “Talvez esse seja o início do nosso distanciamento”, pensou Rishi, e sentiu dor de cabeça. Mas se obrigou a levantar, porque sabia que, por ora, tinha dito tudo o que havia para dizer.

Foi para o quarto, fazer as malas para ir ao encontro de São Francisco. Para ir ao encontro de Dimple Shah, seja lá quem ela fosse.

# Dimple



– **E ESTE?** A cor vai ficar bem em você, Dimple.

A garota não conseguiu se segurar e revirou os olhos ao ver o *salwar kameez* volumoso que a mãe estava lhe mostrando. Cheio de faixas de brocado dourado, com um *dupatta* de um azul-pavão bem vivo. Parecia um figurino de um filme de Bollywood.

– Desculpa, mãe, *não posso* usar isso na Insônia Con.

A mãe abaixou o cabide, com uma cara indignada.

– Por que não? Você deveria ter orgulho da sua cultura, Dimple.

Por toda a loja minúscula, cheia de roupas indianas importadas, pais lançavam olhares de aprovação para a mãe de Dimple. A garota praticamente podia vê-la se exibindo para os presentes.

– Eu e seu pai nos apegamos à nossa cultura, aos nossos valores, por um quarto de século! Quando viemos morar aqui, dissemos que *jamais...*

– Sim, mas não vim morar aqui – interrompeu Dimple, lançando um olhar desafiador para todas as pessoas na loja. – Eu nasci aqui. Esta é minha terra. *Esta é a minha cultura.*

A mãe apertou a *salwar* dourada contra o peito.

– *Hai Ram* – disse, baixinho, agarrada à túnica.

Dimple respirou fundo e pegou algumas túnicas longas, estilo *kurta*, que estavam penduradas na arara mais próxima. Eram todas variações da mesma cor e estampa: pretas com detalhes de um tom prata acinzentado.

– E essas? – falou. Ela poderia usar com sua calça jeans *skinny* e seu tênis All Star e quase parecer normal.

A mãe de Dimple fez careta, mas a garota pôde ver que ela ia concordar.

– Acho que vai ter que ser isso mesmo. Mas um pouquinho de cor realmente realçaria o seu tom de pele. Já que você se recusa a usar maquiagem...

Dimple levou a mãe até o caixa rápido, para que pagasse logo e não começasse a vasculhar a loja em busca de kajal.

Chegando em casa, Dimple mandou mensagem para Celia:

*Dimple: Vou amanhã às 8 da manhã! Deve levar umas quatro horas saindo de Fresno.*

Celia era outra das poucas meninas que iam participar da Insônia Con. Tinham se conhecido nos fóruns on-line e resolvido ficar no mesmo quarto durante aquele mês e meio.

É claro que Dimple não contara nada disso para os pais. Os dois ficariam com medo que Celia fosse, na verdade, um homem de 50 anos, que tinha uma pá e uma *van*, caso soubessem que a filha não a conhecia pessoalmente (Celia não era nada disso. Dimple tinha checado pelo Facebook). Já fora bem difícil convencê-los a deixá-la ir de carro sozinha. Dimple não sabia se os dois tinham entendido direito o conceito de faculdade – que, dentro de apenas duas semanas, ela estaria morando longe deles, tomando as próprias decisões. Sozinha.

O celular apitou, com uma mensagem.

*Mal... posso... esperar.*

Celia, que tinha acabado de se formar no Ensino Médio, morava em São Francisco com os pais. No próximo semestre, entraria na

UESF.

*Nem eu! Quer almoçar quando eu chegar?*

*Claro! Que tal no campus? Tem uma pizzaria ótima!*

*Seria incrível.*

Depois que combinaram os detalhes, Dimple se recostou na cama e sorriu. Estava tudo dando certo. Sua vida estava finalmente começando.

## *Rishi*

A mãe fez o ritual na porta de casa. Tinha preparado uma tigela com *kumkum* em pó dissolvido em água, que pôs em uma bandeja prateada. Ficou passando aquilo pelo rosto e pelos ombros de Rishi, fazendo movimentos circulares. Seus lábios se movimentavam febrilmente, rezando para Lorde Hanuman, pedindo que a sorte sorrisse para seu filho mais velho. Quando terminou o ritual, se afastou e sorriu para ele, com lágrimas nos olhos.

O pai de Rishi pousou a mão no ombro do garoto. Apertou uma vez só, bem rápido, e soltou em seguida.

– Você tem tudo o que precisa?

O pai disse “tudo” com um peso significativo, e Rishi balançou a cabeça solenemente, entendendo o que ele queria dizer.

– Ligue para a gente assim que você chegar lá – disse a mãe.

– Moramos em Atherton. Vai levar mais ou menos uma hora para chegar na UESF. Ele demora para tomar banho – completou Ashish.

Ele estava a poucos metros de distância, jogando basquete enquanto esperava os amigos passarem para buscá-lo e fazer sabe-se lá qual atividade divertida que tinham programado para o fim de semana – contrair hepatite C ou, quem sabe, entrar em coma alcoólico.

A mãe olhou feio para ele.



– Sim, mas esta viagem é especial. Seu irmão pode conhecer sua futura *bhabhi*, Ashish. Seja pelo menos respeitoso.

– Não se preocupe, vou ligar assim que puder – Rishi foi logo dizendo. Então se abaixou e tocou nos pés dos dois. – Tchau, mãe. Tchau, pai.

Sentiu seu peito inchar de emoção quando entrou no carro e partiu, vendo seus pais abanarem loucamente pelo retrovisor. Algo maior do que Rishi ameaçava esmagá-lo, algo maior do que todos eles. O garoto seria capaz de jurar, enquanto dirigia pela rua ladeada de árvores, na luz do final da manhã, que tinha visto dezenas de fantasmas – dos avós e dos pais dos avós e dos pais dos *pais* dos avós – observando, sorrindo para ele. Acompanhando-o até o seu destino.

## Dimple

Dimple alongou os músculos tensos enquanto ia em direção ao conjunto de lojas e restaurantes, que ficava do outro lado do estacionamento. A sensação do sol do fim do dia em sua pele era luxuriante: tinha ficado presa dentro do carro pelas últimas três horas. O céu aberto da cidade e o ar livre lhe davam uma sensação terapêutica, depois de inalar todo aquele ar-condicionado.

Como chegou mais cedo do que planejara, mandou uma mensagem para Celia, avisando que já estava ali, mas que ela não precisava se apressar. Andaria um tempo pelo campus enquanto esperava. Mas, antes: Starbucks.

Precisava ingerir cafeína antes de ligar para os pais para avisar que já havia chegado. A mãe, com certeza, teria outro rosário de perguntas e pontos de atenção sobre universitários norte-americanos. Pela manhã, Dimple teve que fechar o vidro do carro *enquanto* a mãe estava falando, para conseguir sair no horário. Até o pai, depois de vinte minutos, tinha desistido e entrado em casa. A mulher era incansável e tinha os músculos maxilares de um predador selvagem.

A vantagem é que, como estava com medo de se atrasar, Dimple andara a dez quilômetros acima do limite de velocidade o tempo todo, se recusando a parar, e chegara cedo.

– Um café gelado, por favor – disse para o barista bonitinho com piercing no septo. A cafeteria estava lotada, cheia de universitários que mais pareciam peixes tropicais exibidos, com seus cabelos coloridos. Só a variedade e o número de tatuagens e piercings teria feito sua mãe desmaiar. Dimple adorou. Agarrada em seu café gelado, saiu e foi andando devagar até um chafariz de pedra com uma estátua do jacaré, mascote da UESF (que estava desligado. Valeu, seca).

A garota se sentou na beirada do chafariz e levantou o rosto para o céu. Ficou absorvendo a luz do sol e pensando o que ia fazer para passar o tempo durante a próxima hora. Será que deveria ir até o prédio da Insônia Con agora ou fazer isso depois, com Celia? Queria dar uma passada pela biblioteca também, ver se tinha a nova biografia de Jenny Lindt...

A liberdade a fazia se sentir quase bêbada. Dimple amava mesmo a família, *muito*. Mas morar na casa dos pais estava começando a lhe dar a sensação de vestir um corselete de ferro, que apertava, pinicava e fazia doer onde não devia. Mas isso ela tinha que reconhecer: o fato de os pais a terem mandado para lá era algo sem precedentes. Dimple não sabia o que fizera seus pais mudarem subitamente de ideia em relação à Insônia Con. Mas, quem sabe, tivesse uma influência maior sobre os dois do que imaginava. Talvez estivessem finalmente começando a se dar conta de que Dimple pensava por conta própria, que tinha um sistema de crenças mais moderno e divergente, que abria mão da dinâmica patriarcal deles...

A garota ouviu um som de passos vindo de perto e abriu os olhos, assustada. Um garoto indiano, mais ou menos da sua idade, olhava para ela com o sorriso mais estranho e pateta no rosto. O cabelo liso, muito preto, caía na sua testa.

– Oi, futura esposa – disse, fazendo graça. – Mal posso esperar para dar início ao resto de nossas vidas!

Dimple ficou olhando para o garoto por um bom tempo. A única palavra que seu cérebro deu conta de produzir, em diversas variações de tom, foi:

– Quê? *Quê?*

Ela não sabia o que pensar. Seria um assassino em série? Alguém que fugiu do hospício? Um assaltante estranhamente simpático? Nada fazia sentido. Então, fez a única coisa que conseguiu pensar naquele momento: atirou o café gelado nele e saiu correndo na direção oposta.

# Rishi



**AH, DROGA.** Ah, não, não, não. Ele estava *brincando*.

Enquanto olhava as costas cada vez mais distantes de sua possível futura esposa, Rishi se deu conta de que tinha apavorado a garota com aquela piada sem graça. Era por essas e outras que, normalmente, deixava o humor a cargo de Ashish.

Enquanto tentava limpar o café gelado da camisa, chegou a pensar em correr atrás dela e se explicar. Mas sabia, pela distância que a garota percorrera até então, que ela não estava em condições de ouvir.

Caramba. E se Dimple Shah ligasse para os pais e dissesse que o filho dos Patel era um psicopata, e os pais dela ligassem para os *seus* pais? Rishi pegou o celular e ligou para casa, para avisar a mãe e o pai.

– Alô? – Foi sua mãe que atendeu, ofegante, na expectativa.

– Mãe?

Ao ouvir sua voz, Rishi se sentiu ainda mais culpado, mais envergonhado de sua conduta naquele primeiro encontro. Os pais tiveram tanto trabalho para arranjar aquele...

– *Haan, beta!* Você chegou bem?

– Cheguei, mas...

– Maravilha!

– Não, não é não. – Rishi abaixou a cabeça, sentindo o cheiro de café que exalava. Sentou-se na beirada do chafariz – que estava pelando por causa do sol – onde, há poucos instantes, seu futuro havia sentado.

Um instante de silêncio. E então:

– *Kya hua?*

– É capaz de vocês receberem um telefonema dos pais de Dimple Shah a qualquer momento. Acabei de encontrá-la. – A voz de Rishi estava mais para um gemido. – E as coisas não saíram nada bem. Eu estraguei tudo.

Ouviu um murmúrio e sua mãe dizer algo baixinho para alguém. E então seu pai pegou o celular.

– Rishi?

O garoto fechou bem os olhos e respondeu:

– Desculpa, pai. O tio Vijay e a tia Leena provavelmente vão ligar para o senhor, e não vão estar nem um pouco felizes.

– Conte o que aconteceu.

– Eu vi a garota, Dimple Shah. E então me aproximei dela e fiz uma piada completamente imbecil. Falei que íamos dar início a nossa vida juntos. E ela... ela atirou o café em mim e saiu correndo.

Um longo silêncio.

– Entendo. E... por acaso você disse quem era antes de fazer essa piada?

Rishi abriu os olhos de repente. Caramba. Será que ele era *mesmo* tão imbecil?

– Não. Não me apresentei.

– Então um completo desconhecido aborda a moça na rua e diz que quer começar o resto da vida juntos. Não me parece uma reação exagerada entrar em pânico. Não é mesmo?

O coração de Rishi se aquietou. Só um pouquinho. Será que era só isso? Ela precisava saber o contexto? Dimple nem sequer sabia quem ele era! Deu um sorrisinho.

– Não, acho que não. – E então seu sorriso se esvaiu. – Depois dessa, ela não vai mais querer falar comigo.

Sua mãe disse alguma coisa, e o pai respondeu:

– Não é má ideia.

Para Rishi, disse:

– Você está com o... presente especial?

O garoto franziu levemente a testa.

– Na minha mala de viagem, dentro do carro, sim. Mas o senhor não acha que é um pouco cedo demais?

– Seria, em circunstâncias normais, *beta*. Mas agora é o jeito perfeito de mostrar para a moça quem você é. Peça desculpas pelo seu erro. Ela deve ser uma menina muito tradicional, Rishi, se é que Vijay e Leena servem de parâmetro.

A testa de Rishi relaxou. Ele ia conseguir dar um jeito naquilo.

– Ok. O senhor deve ter razão.

– Um minuto. *Ma se baat karo*. – Ouviu um som áspero e o pai passando o telefone para a mãe.

A voz de sua mãe estava curiosa, alegre.

– Conta, Rishi, o que você achou dela?

*Hum*. O que ele tinha achado dela mesmo? Para ser sincero, estava nervoso demais para entender tudo o que tinha visto. Saiu do estacionamento pensando em comprar uma água no Starbucks. E aí viu a garota *ali*, bem na sua frente, como se fosse a personificação de uma gigantesca coincidência cósmica. Sentada naquele chafariz, olhando para cima, tomando café ao sol feito uma flor, parecendo uma santa. Seus cachos estavam despenteados, loucos por um pente. E Dimple estava de *kurta* – Rishi gostou disso.

Mas o jeito como a garota olhou para ele – em princípio, com espanto, depois, com hostilidade. E, depois disso, com uma expressão absolutamente mortífera.

Rishi tinha mesmo muita sorte por a garota só ter atirado café nele. Dimple tinha cara de quem era capaz de muito mais, tipo quebrar seu

nariz ou lhe dar um golpe brutal, daqueles de arrancar pedaço.

– *Áhn...* ela me pareceu... cheia de personalidade.

A risada estrondosa de sua mãe foi transmitida pelo sinal do telefone.

– Cheia de personalidade! Ótimo, ótimo. Seu pai teria dito a mesma coisa de mim 25 anos atrás.

“Com certeza”, pensou Rishi. Mas a personalidade da mãe tinha seu lado mais tranquilo, delicado. Dimple Shah, ele já não sabia. Alguma coisa no modo como aqueles olhos castanhos cuspiam fogo por atrás daqueles óculos enormes...

– Sim. Talvez eu deva procurá-la no dormitório.

Essa possibilidade o fez se sentir incomodado. Mas, quanto mais esperasse, pior seria. Quem sabe, depois que ele se explicasse e mostrasse o que tinha trazido, ela se sentisse lisonjeada. Quem sabe os dois pudessem dar risada de tudo aquilo.

## *Dimple*

Se São Francisco era daquele jeito, Dimple teria que investir em um *spray* de pimenta pesado. Mal tinha passado quinze minutos na cidade e já fora atacada por um predador sexual. Talvez ela e Celia pudessem fazer umas aulas de krav magá por fora, aprender a usar o tamanho do agressor contra ele mesmo. Não que aquele cara fosse tão grande assim. Era meio Chris Messina, mais para baixinho e magro, mas parecia forte. Ficou imaginando qual era a dele. De todo modo, com ou sem café gelado, Dimple teria conseguido se livrar do assediador. Não era nenhuma florzinha delicada.

Ajeitou a pasta no ombro e foi para o dormitório da universidade. Pensou que teria que trazer sua mala pequena em algum momento, mas estava cansada demais para fazer isso agora (obrigada, assaltante psicopata, pela falta de cafeína). Teria que guardar suas coisas, tentar

conseguir um mapa do campus e depois ir para a pizzaria esperar por Celia.

O quarto do dormitório era pequeno e retangular: só cabiam duas camas de solteiro e duas escrivaninhas. Havia um cheiro inexplicável de serragem tomando conta do ar. As paredes eram pintadas de um bege cinzento institucional. O carpete era da mesma cor. Na cabeceira de uma das camas, algum ex-aluno tinha escrito, com caneta permanente e capricho: *ipsa scientia potestas est*. “Conhecimento em si é poder.” Dimple adorou, adorou *tudo*, uma paixão imoderada e instantânea.

Era o começo. De sua liberdade, de sua independência, de seu período de aprendizado – a respeito de si mesma, do mundo, de sua carreira. Estava finalmente fazendo aquilo. Ali, não seria Dimple Shah, a filha rebelde e americanizada de pais imigrantes: seria apenas Dimple Shah, futura programadora. As pessoas a julgariam pelo seu cérebro, não pela falta de maquiagem. Não haveria turminha, como no Ensino Médio. Todo mundo estava ali por vontade própria, para aprender, para ensinar, para trabalhar em conjunto.

Mandou uma mensagem rápida para os pais:

*Cheguei bem! O dormitório é legal. Pai, por favor tome o remédio. E chega de doce por hoje!*

E então, sorrindo, fechou a porta e foi se aproximando dos alunos – presentes ali para os vários cursos de verão – que conversavam, no saguão principal.

## *Rishi*

Rishi a viu novamente no saguão principal, olhando para o *display* com mapas empoeirados do campus. Nem tinha entrado no quarto ainda, estava com tanto medo de não encontrar a garota que correu até o carro para pegar o presente e correu de volta para procurá-la.



Como todos os participantes da Insônia Con receberam quartos no mesmo dormitório, não foi tão difícil descobrir onde Dimple estaria.

Mas agora, parado ali, no saguão meio vazio, ficou pensando se não iria assustá-la de novo. Não conseguia ver nenhuma bebida em sua mão. O que era bom. “Desta vez”, pensou Rishi, “vou ser tranquilo. Calmo. Sossegado”.

Rishi ajeitou o cabelo, o colarinho da camisa e seguiu em frente.

## *Dimple*

Todos os mapas pareciam antigos. Mas Dimple teve que se contentar com eles. Pegou um aleatoriamente e se virou.

E lá estava *ele*, de boca aberta, olhando para suas costas.

“Mas que droga é essa?”

Antes que conseguisse pensar direito a respeito, Dimple esticou o braço e bateu nele com o canto do mapa.

– Ai!

Segurando o braço, o psicopata foi cambaleando para trás, alguns passos.

*Hmmm.* Como predador sexual, não era lá grande coisa. Só foi necessário um cortezinho com papel para detê-lo.

– Por que você está me seguindo? – Dimple deu um passo ameaçador à frente – pelo menos, torceu para que fosse –, brandindo o mapa como se fosse uma arma.

O garoto olhou para ela, desconfiado, e baixou os braços. “Está com uma roupa até que bem normal para um psicótico”, pensou Dimple. Camisa abotoada (ainda com uma mancha úmida. “O café que atirei nele”, pensou, com orgulho), com as mangas dobradas e calça jeans mais justa. Seus olhos, cor de caramelo escuro, eram quase inocentes. O que só provava que não dá para confiar nas aparências.

– Bom, eu estava prestes a explicar isso quando você me atacou.

– *Eu* ataquei *você*? – retrucou Dimple, devagar, levantando as sobrancelhas ao ouvir o tom indignado do garoto. – Você está falando sério? Você está me seguindo, agindo feito um tarado.

O garoto baixou a cabeça de leve, com as pontas das orelhas vermelhas, igual ao pai de Dimple, quando ficava com vergonha.

– Desculpa. Não tive a intenção de agir feito um tarado.

– Claro, colega, se você diz... – Dimple ficou em alerta, prestando atenção a qualquer sinal de ataque. – Só fica longe de mim ou vou te denunciar para a polícia do campus.

– Não, espera!

– Estou falando sério!

A garota se virou de novo, brandindo o mapa.

– Dimple, por favor, só me deixa explicar. Não é isso que...

Ela baixou o mapa e franziu a testa.

– Como é que você sabe meu nome, caramba?

## *Rishi*

Cara, a garota estava demorando muito para ligar os pontos. Não dizem por aí que os alunos de Stanford são inteligentes?

– É isso que eu estou tentando te explicar – falou, com toda a paciência. – Sou eu, Rishi Patel.

Ficou esperando cair a ficha, que Dimple desse um sorriso, batesse na própria testa e dissesse: “É claro”. Mas ela só ficou fazendo careta, com a testa franzida, as sobrancelhas grossas erguidas. Era, na verdade, meio assustadora.

– O...k. E isso deveria fazer algum sentido para mim?

Rishi ficou só encarando Dimple. Aquilo era uma piada, certo? Ou talvez ela apenas estivesse terrivelmente envergonhada e não queria admitir que tinha cometido um erro. Talvez Rishi devesse facilitar as coisas para ela.

– Ei, tudo bem. – Deu um sorriso e completou: – Isso é tudo meio exagerado, eu sei.

Dimple sacudiu a cabeça.

– Olha, não sei do que você está falando.

A garota parecia sincera demais para estar zoando dele. Rishi sentiu uma dúvida começar a despontar.

– Você é Dimple Shah, certo? De Fresno? Filha de Vijay e Leena Shah?

Ela arregalou os olhos e deu um passo para trás.

– Você sabe muito sobre mim. Demais até.

Ah, que ótimo. Agora estava assustando a garota de novo. Era melhor simplesmente desembuchar logo.

– É porque nós... nós teoricamente vamos nos casar.

## *Dimple*

Essa bobagem de novo, não. Esse delírio de casamento. Mas ela tinha que admitir: o garoto parecia confiável. Sincero. Alguma coisa sinistra e pesada começou a dar o ar da graça bem debaixo do seu diafragma.

– Espera aí. *Como* você sabe da minha vida, dos meus pais?

Rishi estava com uma expressão completamente confusa.

– Porque nossos pais são amigos de infância. Arranjaram tudo isso. Seus pais mandaram uma foto sua para os meus pelo correio, e vice-versa. – E então sua expressão desanuviou, e ele falou: – E... você está ouvindo falar disso agora, pela primeira vez.

Não foi uma pergunta.

Dimple ficou com medo de vomitar. Se tivesse alguma coisa no estômago, teria vomitado. O mundo girava, e seus ouvidos zuniam. Era por *isso* que os pais tinham sido tão solícitos e deixado a filha participar da Insônia Con. Era *esse* o motivo para todos aqueles

olhares estranhos de culpa, e a maldita da tia Ritu também devia fazer parte do complô.

– Ei, tudo bem?

O garoto – Rishi – se aproximou e colocou a mão de leve no seu braço, para equilibrá-la.

Dimple puxou o braço, sentindo um calor invadir seu rosto. Queria mesmo era cortá-lo com o mapa de novo, mas conseguiu resistir.

– Isso é ridículo. Ok? Não consigo nem *acreditar*... Como posso saber que você não está inventando isso tudo, *hein*? Talvez seja só uma cantada barata e doentia.

Ela não conseguiu se controlar: toda a raiva e a fúria que deveria dirigir aos pais estava sendo dirigida ao lugar errado – a Rishi.

Viu as bochechas do garoto ficarem vermelhas, seu maxilar ficar tenso. Mas, em vez de retrucar, ele tirou um envelope do bolso, do qual tirou uma foto pequena. Dela.

Dimple lembrou da foto... Fora tirada no *Diwali*, o Festival das Luzes, do ano anterior. Sua mãe insistiu para que ela fosse à festa religiosa organizada pela Associação Indiana. Ela queria ter ido assistir a uma sessão especial do documentário *Bridegroom*, sobre um casal de jovens gays, por isso fez careta para a foto. Mas, pensando bem, saía mais ou menos com a mesma cara em todas as fotos.

– E...

Rishi pôs a mão no bolso de novo e tirou dele uma caixinha de joalheria.

Ai, meu Deus, não. Por favor, permita que não seja o que estou pensando.

O garoto abriu a caixinha.

Dentro dela, havia um anel de ouro tão puro que era quase cor de laranja.

– É o anel da minha bisavó. Meus pais guardam para mim desde o dia em que nasci. – Rishi ficou calado por alguns instantes, olhando

para o anel pequeno e quadrado. Sua expressão era solene, como se estivesse segurando algo capaz de trazer fortunas e mudar destinos. Quando olhou de novo para Dimple, ela se deu conta do quanto aquilo significava para o garoto. Aquilo não era apenas um casamento arranjado para Rishi: era a rica construção da história em si, que se estendia através do tempo e do espaço. – Pode acreditar, eu não usaria isso para dar uma cantada barata e doentia.

Estava falando devagar, medindo as palavras e o tom de voz, mas Dimple podia perceber que ele estava bravo.

Meu Deus, agora ela se sentia uma completa imbecil. Não era culpa do garoto o fato de os dois estarem naquela situação hedionda. Dimple sentiu toda raiva se esvaír dela. Soltou um suspiro e falou:

– Me... desculpa. É que eu fui pega completamente de surpresa.

Rishi ficou olhando para ela, boquiaberto. Dimple franziu a testa e perguntou:

– Que foi?

– É que eu não esperava que você se desculpasse. Você é tão...

Dimple ficou esperando, de sobrancelha erguida.

– Cheia de personalidade – completou Rishi, de um jeito que dava a entender que tinha pensado em um adjetivo bem menos elogioso, mas mudou de ideia. Guardou o anel no bolso e, depois de um instante, estendeu a foto para ela. Dimple a pegou. E o garoto, passando a mão na nuca, falou:

– Então... Ai, isso é muito constrangedor.

– É – Dimple começou a falar. Mas parou em seguida. – Quer saber? Por que tem que ser constrangedor para *nós*? As únicas pessoas que deviam ficar constrangidas por isso são os meus pais. – Então pegou o celular e fez que ia ligar bem ali, no saguão. – Vou dizer umas verdades para eles.

Rishi balançou a cabeça devagar e disse:

– Ok. Bom, acho que vou deixar você falar com eles em paz.

Dimple segurou o braço do garoto.

– Ah, não. Você vai ficar bem aqui. Também foi vítima deles.

Ligou para casa e não ficou surpresa quando caiu direto na caixa postal.

– Então vocês dois se acham muito espertos, né? – falou, no seu tom mais agressivo, com a respiração ofegante. – O que vocês *achavam* que ia acontecer? Que eu ia chegar aqui e cair nos braços do garoto? – Percebeu que Rishi ficou corado e foi logo completando: – Tenho certeza de que ele fará alguma moça muito feliz um dia. Mas essa moça não sou eu. – Nessa hora, bateu no próprio peito. – Espero que vocês saibam que estragaram *tudo*. Espero que estejam preparados para dizer aos seus amigos... – Tapou o microfone do celular e perguntou para Rishi: – Como seus pais se chamam?

– Kartik e Sunita – sussurrou o garoto.

Dimple voltou a falar no celular:

– ...Kartik e Sunita, que vocês definitivamente estragaram a sua amizade de décadas, porque resolveram *enganar* sua única filha. Tchau. – Então desligou, com o coração ainda acelerado, a adrenalina correndo nas veias. – Que ridículo – murmurou, com as mãos na cintura. Olhou para Rishi e indagou: – E aí, qual é a história, você mora em São Francisco?

O garoto sacudiu a cabeça e respondeu:

– Moro em Atherton, com meus pais e meu irmão. Vim participar da Insônia Con, que nem você.

– Ah. – Pelo menos, não estava ali só por causa dela. – E o que vai fazer agora?

Rishi sacudiu os ombros e falou:

– Meus planos eram de a gente se conhecer, mas óbvio que isso não vai rolar. – Deu um sorriso sem graça, e Dimple percebeu que o garoto estava tenso. Estava se esforçando muito para não demonstrar o quanto estava decepcionado. Dimple sentiu uma pontada de pena dele e outra pontada, mais forte e maligna, de raiva dos pais. – Provavelmente, vou ficar um tempinho no meu quarto.

O garoto levantou a mão, deu um “tchauzinho” constrangido e foi se dirigindo aos elevadores.

Dimple sentiu um aperto no peito ao vê-lo se afastar. Não queria que fosse embora assim. Quando se deu conta, estava gritando:

– Espera!

Rishi se virou, com uma expressão surpresa.

– Se você quiser, pode, sabe, almoçar comigo e com minha amiga, Celia. Se estiver com fome, quer dizer.

E então parou de falar, sem saber direito de onde aquele convite tinha saído. “Óbvio que sinto uma certa pena dele por causa do que aconteceu”, foi logo tentando se convencer. Eram meio que dois sobreviventes do mesmo trauma, vítimas dos pais dela. Dimple só estava sendo um ser humano decente. Nada além disso.

Rishi sorriu de novo. Mas, dessa vez, foi um sorriso *verdadeiro*, sem tensão. “Parece que estou vendo o sol nascer”, pensou Dimple. “Ou as luzes dos postes se acendendo, no fim da tarde. Uma coisa gradual, poderosa, brilhante, de certo modo.”

– Valeu – disse Rishi, já se aproximando de Dimple. – Eu adoraria.

# Rishi



**OS DOIS** foram até a pizzaria Jacarezinho lado a lado, compartilhando um silêncio cada vez mais constrangedor. Rishi estava superalerta a tudo: à sensação de ter Dimple caminhando ao seu lado; à visão do alto da cabeça da garota; ao fato de seus cachos, do lado esquerdo, invadirem seu espaço pessoal – e de não se importar nem um pouco com isso. Quando soprava o vento, podia sentir o cheiro do xampu da garota, de coco e jasmim. Ai, meus deuses. Tinha acabado de respirar bem fundo, e agora Dimple olhava para ele de um jeito estranho.

O garoto tentou dar um sorriso casual e perguntou:

– Então, que amiga é essa? Vocês se conhecem de Fresno?

Dimple sacudiu a cabeça e ajeitou a pasta no ombro.

– Não. A gente se conheceu no fórum da Insônia Con e decidimos ficar no mesmo quarto.

Rishi ficou olhando para Dimple, esperando o fim da piada.

– Você está brincando. Certo?

Ela ergueu a sobrancelha e respondeu:

– Não.

– É sério que você conheceu uma pessoa qualquer on-line e resolveu que vai dividir o quarto com... “ela”, por dois meses, sem nunca ter visto a cara da garota na vida?



*image  
not  
available*

dos pais controladores. E estava decepcionada porque isso não aconteceu.

Rishi encolheu os ombros e deu mais uma mordida na pizza.

– Pelas duas coisas. Quer dizer, vou entrar no MIT no semestre que vem, cursar ciência da computação e engenharia. Esse curso vai ser bom para o meu currículo.

– Só que você não é apaixonado por desenvolvimento web. – Dimple espremeu os olhos e completou: – Não é o seu sonho.

– Não – respondeu Rishi, bem devagar. – Acho que não.

– Você gastou mil dólares em algo que não é sua paixão?

A garota ficou olhando para ele, com uma expressão perplexa.

– E daí? Ele quer ampliar seus horizontes. Não saia julgando – defendeu Celia.

– Você é quem sabe. Só acho melhor não ser minha dupla – murmurou Dimple, voltando a dar atenção à pizza.

– Pode acreditar que não ser sua dupla seria perfeito para mim – retrucou Rishi, começando a se sentir irritado. Por que a garota tinha que ser tão... intensa? Por que era da sua conta se ele queria ou deixava de querer casar e ter filhos com o desenvolvimento web? – Sabe, acho que eu vou voltar para o dormitório – disse, limpando as mãos no guardanapo. – Preciso desfazer as malas e tal.

– Ah, tem certeza? – perguntou Celia, e ele ficou com a impressão de que a garota realmente gostava da sua companhia.

– Tenho. – Deu um sorriso e completou: – Mas vejo vocês duas na aula amanhã.

Um silêncio pesado pairou no ar enquanto Rishi levantava e deixava uma gorjeta bem gorda na mesa, para que as garotas não precisassem gastar com isso. Sabia que as duas só estavam esperando ele ir embora para falar a seu respeito. Soltou um suspiro, foi até a porta e saiu, encarando os raios de sol da tarde.

*image  
not  
available*

– Porque o seminário não começa no raiar do dia, caramba! Além do mais, isso não vem ao caso. A senhora pode, por favor, se concentrar, mãe? Que *cazzo* é esse de Rishi Patel?

– *Cazzo...?* – Sua mãe fingiu ignorar a gíria, o que deixou Dimple ainda mais furiosa. Sério, de onde ela tirava essas coisas?

– Não entendi o que você quis dizer, Dimple...

– Mãe, por favor! Por que a senhora e o papai fizeram isso? Por que estão tentando me arranjar um cara qualquer que eu nunca vi na vida? Vocês sabem que não é por isso que eu estou aqui! Vocês sabem o quanto isso é importante para mim!

Dimple sentiu as lágrimas nos olhos, pressionando suas pálpebras, quentes e furiosas. Por que, uma vez na vida, seus pais não podiam concordar com ela?

– Dimple, *beti, math ro.* – Nessa hora, sua mãe pareceu estar sinceramente chateada. – Não chore. Só queríamos que você o conhecesse. Ele é um bom rapaz, de uma família boa. Vocês dois têm muito em comum.

A garota esfregou os olhos, ignorando os olhares de alguns alunos que levantaram cedo e, provavelmente, estavam indo tomar o café da manhã. De todo modo, não passavam de um borrão, já que Dimple estava sem óculos.

– A senhora não entende? Eu... não... quero... saber. O garoto poderia ser feito de pó de unicórnio e jujubas, mesmo assim não ia querer nada com ele. Não estou interessada em achar alguém para casar, mãe. Nem agora nem daqui a dez anos!

Então ouviu um ruído, como se a mãe tivesse abaixado o celular. Ouviu ela murmurar em hindi: – Vijay, fala com ela. – Um silêncio, e então: – Não sei. Tem a ver com unicórnios. Não entendi.

Dimple revirou os olhos e soltou um suspiro, esperando seu pai falar.

– Dimple *beti?*

*image  
not  
available*

– Olha só esses caras – sussurrou, no ouvido de Celia, voltando a focar sua atenção para as dezenas de outros participantes da Insônia Con que iam para o mesmo lugar que as duas, 98% dos quais eram homens. – A gente consegue derrubar todos eles, certo?

Celia grunhiu por trás do seu copo da Starbucks, soltando um ruído que pareceu “toma”. Mas Dimple teve quase certeza de que a amiga disse “todos”. Eram onze da manhã, e a garota mal tinha acordado. Dimple ficou com a impressão de que Celia gostava ainda menos de acordar cedo do que ela. Celia piscou e olhou em volta, um pouco mais animada.

– Olha, não vejo seu amigo Rishi.

Dimple não queria admitir, mas também tinha percebido.

– Nem eu.

– *Áhn*, vai ver ele desistiu.

Dimple ficou se perguntando por que essa frase caiu como uma bola de chumbo no seu estômago.

## *Rishi*

Ele ficou observando Dimple sair do prédio com Celia, esperou cinco minutos e depois foi indo na mesma direção das duas. Não queria ser um pé no saco. Rishi sabia muito bem quando sua companhia era indesejada.

Seus pais tinham ligado pedindo notícias, e foi muito difícil contar a verdade para eles: o mais provável é que as coisas com Dimple não dariam certo. A garota simplesmente... não tinha as mesmas intenções que ele. Pôde perceber que os pais ficaram decepcionados, mas tentaram disfarçar. E, quando perguntaram se Rishi queria voltar para casa, o garoto pensou seriamente no assunto. Mas acabou resolvendo ficar. Já não dava mais para pedir reembolso, de qualquer jeito. E, além disso, não queria que Dimple Shah pensasse que fora para lá só por causa dela. Mesmo que, de certo modo, tivesse. Então,

*image  
not  
available*

ver mais uma turma de caras novas e estou louco para ver o que vocês vão aprontar este ano. Agora, antes de passarmos ao que, eu sei, todos vocês *realmente* querem saber... – ele então ficou em silêncio por alguns instantes, sorrindo – ...ou seja, o grande prêmio da Insônia Con, quero passar algumas informações básicas e as regras. Isso vai garantir que vocês realmente vão ouvir as palavras que saírem da minha boca.

Houve gemidos e assobios por todo o auditório. Dimple tinha certeza de que enlouqueceria se o cara barbudo não falasse logo.

– Bom, primeiro, bem-vindos a São Francisco para aqueles que não são da nossa cidade maravilhosa. Duas coisinhas que vocês têm que saber: podemos estar no verão, mas a temperatura pode cair para quinze graus ou menos à noite. Vocês também vão ficar conhecendo Karl muito bem. – Algumas pessoas, entre elas Celia, deram risada, mas Dimple só franziu a testa, confusa.

– Quê? – sussurrou para Celia. – Quem é Karl?

Celia respondeu, também sussurrando:

– O nevoeiro. O nevoeiro que sobe da água.

Dimple começou a balançar a cabeça, mas depois a sacudiu.

– Não, ainda estou confusa. Vocês deram *nome* para um fenômeno climático?

Celia deu um sorrisinho e respondeu:

– Bem-vinda a São Francisco.

Lá na frente, Max continuava falando:

– Bom, outra coisa: eu é que vou escolher as duplas. Não quero que vocês se juntem com gente que está no mesmo quarto. Mas, caso tenham indicado alguma preferência no formulário de matrícula, levei isso em consideração.

Como Dimple só conheceu Celia depois de ter se matriculado (bem antes dos pais terem dito “sim” – ela tinha que guardar o lugar, por garantia), nem ela nem Celia tinham pedido para formar dupla uma com a outra. Ficou imaginando quem seria sua dupla. Tomara



*image  
not  
available*

esperava que a garota também achasse. Pensou que teriam mais tempo juntos, veriam como trabalhavam em dupla.

Dimple ficou de pé, e os dois foram até a primeira fileira juntos. Dimple, com uma postura dura, os ombros tensos. O corpo da garota transmitia raiva, como se fosse sua segunda língua: ela devia ter muita prática nisso. Assim que se sentaram, se virou para Rishi, com os olhos faiscando.

– Você pediu para ficar comigo, não foi?

Rishi esfregou a nuca e ficou vermelho.

– Pedi, mas achei que você também pediria para ficar comigo. Olha, vou lá no fim da aula falar com o cara e pedir para a gente mudar de dupla, Ok? Relaxa.

– O nome do cara é Max. Coisa que você saberia se tivesse se dado ao trabalho de chegar na hora. Perdeu até o anúncio do grande prêmio.

A garota olhava para ele como se o acusasse de tocar fogo em uma reserva florestal.

– Ah é? E qual é o prêmio?

Rishi percebeu que os lábios de Dimple esboçaram um sorriso, sem que ela percebesse. Seus olhos brilhavam por trás dos óculos, radiantes, empolgados.

– A dupla vencedora terá a oportunidade de apresentar sua ideia para Jenny Lindt. Se ela gostar, será sócia em marketing e desenvolvimento.

Como a voz de Dimple estava duas oitavas mais aguda do que o normal quando ela terminou de falar, Rishi sabia que, seja lá o que tivesse dito, devia ser muito importante. Tentou lembrar quem era a tal de Jenny Lindt, mas seu cérebro não retornou nenhum resultado. Ok. Podia fingir por enquanto e pesquisar quem ela era depois.

– Que ótimo! – Deu um sorriso e tentou imitar a animação de Dimple. – Isso é muito legal!

*image  
not  
available*

– *Mal dirigida?* – Dimple se segurou para não gritar. Apesar de que, com todo o barulho e a movimentação da sala, duvidava muito que ela e o garoto chamariam muito a atenção, mesmo que começassem a atirar coisas um no outro. O que, com certeza, não passara pela sua cabeça. Não mesmo.

– Ah, não *acho*. Você não faz a menor ideia, né? Você não sabe como é. Meus pais simplesmente não me entendem, ok? A minha mãe não sabe por que quero fazer qualquer coisa que não seja casar com o marido indiano ideal e sossegar o facho. Acha que a faculdade é, basicamente, um grande ritual de acasalamento. Então, o fato de eu *estar* aqui é nada mais, nada menos que um milagre. Ter essa chance de seguir os passos da Jenny Lindt... a oportunidade de verdade de conversar com ela sobre a minha ideia? Essa é a minha mais louca fantasia. Mas, mesmo nisso, que deveria ser algo só para mim e para a minha carreira, para as coisas que eu quero fazer neste mundo, tenho que aguentar você. Tenho que lembrar, a cada segundo que olho para você, que o único motivo para eu estar aqui é meus pais terem a expectativa de que vou finalmente entrar na linha. Vou me tornar aquela filha indiana obediente que sempre quiseram. Eu achava que essa seria minha chance de apenas ser eu mesma, que essas seis semanas seriam para demonstrar minhas habilidades, meu talento e minha inteligência. Mas, no fim, virei piada. E, quer saber? Estou cansada disso. Estou cansada. E isso é uma *merda*.

Aí parou de falar, sem ar, e ajustou os óculos. Seu coração batia disparado. Tinha um nó na garganta, de raiva e lágrimas presas, mas estava determinada a não deixar transparecer o quanto estava prestes a chorar.

Rishi parecia... “Bom, o termo científico poderia ser ‘estupefato’”, pensou Dimple. Quase teve vontade de cair na gargalhada. O garoto estava de olhos arregalados, com a expressão completamente petrificada, em choque. É, tinha soltado a louca que vivia dentro dela. Mas precisava. O problema é que, com aquela inocência toda de

*image  
not  
available*

os outros. A única regra é a seguinte: nada de pedir ajuda para outras duplas. As equipes que completarem esse exercício e forem bem vão ganhar mais dez pontos na média final da Insônia Con. – Um burburinho tomou conta do auditório. Max fez sinal para fazerem silêncio e falou mais alto: – Podem ir. Boa sorte! Vou estar lá fora, tirando um cochilo na minha rede. É só me acordar quando vocês voltarem.

Rishi olhou para Dimple, e os dois se levantaram. A garota parecia estar tão feliz quanto ele: estava apertando os lábios, com os olhos fixos em Celia, que já se afastava. Enquanto os dois saíam, o garoto falou:

– Se você quiser, posso avisar que vou embora agora.

Dimple diminuiu o passo, para os dois saírem juntos do auditório, e mordeu o lábio.

– Não – respondeu, enfim, olhando para ele. – Vamos fazer isso juntos.

Rishi franziu a testa, sem saber direito qual era o motivo para aquela mudança tão brusca de humor.

– Tem certeza?

– Tenho. – Dimple respirou fundo e olhou para Rishi de novo. – Muito legal da sua parte se oferecer para ir embora. Pouca gente faria isso.

E, então, deu um sorriso tão deslumbrante que o garoto tropeçou no próprio pé.

## *Dimple*

– Você está bem? – Dimple tentou segurar o braço de Rishi, mas ele recuperou o equilíbrio encostando na parede e ficou com a cara completamente vermelha.

– Estou, sim – respondeu, sem olhá-la no olhos. – Cadarços – completou, desconversando, e pendurou a Polaroid no pescoço.

*image  
not  
available*

# Rishi



**O CHEIRO** de sândalo e cravo envolveu os dois como se fosse uma cortina suave que se abria. O sino dos ventos pendurado na porta soou discreto, e Rishi percebeu que estava nervoso. Foi aí que se deu conta de que queria que Dimple gostasse daquele lugar.

Para ser sincero, teriam encontrado uma estátua de Buda em quase qualquer loja em volta do campus. Afinal de contas, estavam em São Francisco. Mas tinha arrastado a garota até aquela loja específica para que ela pudesse vê-la, se deliciar com o lugar. Rishi queria lhe dar um motivo para sorrir. Mas não sabia se aquilo era do gosto de Dimple. Quer dizer, e se achasse todas aquelas coisas velhas e usadas completamente nojentas?

Rishi apontou para o interior da loja, abarrotada e mal iluminada. Por todos os lados, tinham pilhas de *coisas* quase caindo: livros de capa de couro com letras douradas, bandejas douradas e prateadas, colares de miçanga pendurados em xícaras lascadas, móveis velhos de todos os tipos, que rangiam. Do teto, pendiam fios de luzinhas enrolados em volta de grandes espelhos, dosséis de cama e um lustre de cristal estranho que não funcionava.

– Descobri esse lugar por acaso ontem, depois que a gente almoçou. Não sei, acho que achei meio legal...



*image  
not  
available*

garrafinhas d'água. Só que beberam no pátio do lado de fora, sentados em uma mesa de ferro envolta no nevoeiro, com a câmara entre os dois. Foi aí que Rishi começou a jogar gotas d'água na garota.

Dimple realmente achava que era o nevoeiro que, por algum motivo, estava se condensando nela. Inclinou a cabeça para trás e olhou para cima, para ver o nevoeiro que se formava.

– Que estranho. Eu poderia jurar que senti gotas d'água. Será que esse nevoeiro simplesmente vira chuva de uma hora para outra?

– *Hmmm*. Acho que isso não é possível. – Rishi estava com uma expressão completamente impassível e ficou com a mão segurando a garrafa d'água, como quem não quer nada. – Mas talvez um passarinho tenha babado em você.

Dimple deu risada.

– Um passarinho *babou* em mim? O que você andou fumando?

Mas, quando tomou mais um gole d'água, sentiu as gotas de novo. E, quando olhou para cima, viu uma revoada de pássaros.

– Te falei – disse Rishi, ainda completamente sério. – Pouca gente sabe disso, mas pássaros são um dos meus *hobbies*. Algumas espécies, como a *Avius borealis*, que está voando aí em cima, babam para soltar um cheiro. Isso ajuda os outros pássaros a segui-los com mais precisão em áreas de nevoeiro.

– Eu só sinto *cheiro* de mentira.

Só que as palavras de Dimple foram pronunciadas sem muita convicção, até ela percebeu. Tudo o que o garoto estava dizendo era tão ridículo, mas ele estava tão sério... Rishi levantou a mão, solene, e declarou:

– Juro por Deus.

Mas o brilho em seus olhos o denunciava.

– Que interessante.

Dimple mordeu o lábio para não sorrir, olhou para baixo e conferiu a lista da caça ao tesouro. E, quando sentiu novas gotas

*image  
not  
available*

# Rishi



**QUANDO** Dimple e Rishi voltaram para o auditório, a primeira coisa que notaram foi a multidão se aglomerando do lado esquerdo do recinto cavernoso. Alguém tinha esticado fios de aço compridos e finos e colocado prendedores de roupa. Havia cartazes dispostos em intervalos regulares, escrito GRUPO 1, GRUPO 2, e assim por diante, até chegar ao grupo 25, com o nome das duplas logo abaixo. Alguns já tinham pendurado suas cinco fotos.

Rishi devolveu a câmera Polaroid na mesa de Max e foi correndo ao encontro de Dimple, que estava examinando as fotos do grupo 8 (Tim e José).

– Estão muito boas – ela falou, apontando para o *close* de uma banana. As sementes e manchas pareciam crateras em um grande planeta amarelo.

– *Unf.* Tirar foto de banana para o tema “amarelo”? Que clichê.

Dimple virou para Rishi e ergueu a sobrancelha. Ele estava começando a ver aquilo como um dos talentos da garota: a sobrancelha imperiosa.

– A gente combinou duas fotos. Será que vão achar que fomos preguiçosos?

*image  
not  
available*

– Então, quer se encontrar depois, falar de por onde você quer começar o conceito do aplicativo? – perguntou Rishi, tirando-a de suas encanações.

– *Áhn*, sim, claro. – Dimple coçou a nuca, sentindo-se subitamente perdida. Já que Rishi não era o inimigo, será que isso significava que tinha que perdoar sua mãe? – Vamos nos encontrar na pizzeria de novo e podemos traçar um plano de ataque.

Rishi sorriu para ela, animado, com um brilho nos olhos. E Dimple não gostou de perceber que, na verdade, não odiava a ideia de passar mais tempo com aquele garoto.

*image  
not  
available*

Tchau! – Quando desligou, olhou para Dimple, dando um sorriso forçado, e falou: – Olha, vou jantar com eles. Por que você não vai comigo para conhecer o pessoal? – Ao ver a expressão de Dimple, completou: – Convida o Rishi também. Aí, pelo menos, vão ter duas pessoas que você conhece.

Dimple soltou um suspiro. Por um lado, não tinha a menor vontade de ver aquelas pessoas de novo sem ser na aula. Por outro, Celia também estaria lá. E Rishi, se aceitasse o convite. Talvez pudesse deixar tudo aquilo para trás, e Evan e Hari não a incomodariam de novo se soubessem que era amiga de Celia. Todos poderiam simplesmente esquecer daquele comentário idiota e virar a página, sem criar climão. Além do mais, não queria que a companheira de quarto pensasse que estava julgando seus novos amigos sem nem dar uma chance de conhecê-los. Isso tornaria as seis semanas que passariam juntas muito constrangedoras.

– Ok – respondeu, por fim. – Aonde vamos?

– Nesse tal de Olmo, um lugar na avenida Piazza, que fica a uns dez minutos daqui, andando. – Celia coçou a orelha e, de um jeito que não pareceu muito convincente, completou: – Dizem que macarrão aos quatro queijos de lá é demais.

– Tudo bem, eu vou. Vamos juntas?

Celia fez careta e pegou o celular.

– Bem que eu queria, amiga. Mas tenho que dar um pulo em casa rapidinho. Pelo jeito, minha avó resolveu fazer uma visita-surpresa de três dias, e ela surta se não conseguir me ver. – Celia levantou e pôs a bolsa no ombro. Tinha trocado a mochila colorida, com detalhes em *patchwork*, por uma bolsa de couro bege mais certinha. Os dois Cs entrelaçados brilhavam nas luzes do quarto. – Mas te encontro lá às sete, tá?

– Tudo bem. – Ao ouvir a porta bater depois que Celia saiu, Dimple se sentou e ficou olhando para o teto. Era só um jantar ridículo. E aí ela estaria livre. Nada demais. Tirou o celular da bolsa.



*image  
not  
available*

para gostar dos amigos dela. Tenho certeza de que vão aparecer em nosso quarto e tal... – Dimple lembrou que Celia tinha ficado corada quando falou de Evan. – Além disso, se eu puder conhecê-los melhor, quem sabe...

Deixou a frase no ar, sem conseguir acreditar que estava prestes a contar para Rishi os seus pensamentos.

– Quem sabe eles não vão te incomodar de novo – completou o garoto, compreensivo. – Faz sentido.

Os dois caminharam lado a lado, ambos olhando para a frente, até chegarem ao semáforo.

Dimple se virou para Rishi, enquanto esperavam pelo sinal verde.

– Sério? Faz sentido para você?

– Claro.

O olhar do garoto era límpido e sincero.

Dimple deu um leve sorriso.

– Você não é desses que acha que a gente não deve dar mole para quem faz *bullying*?

Rishi deu de ombros. O semáforo ficou verde, e começaram a atravessar a rua.

– Isso também faz sentido. Mas se você quer tentar apelar para o lado simpático deles, não vejo nada de mal.

Dimple balançou a cabeça. Não precisava que Rishi concordasse com ela: sabia que sua estratégia era boa. E, mesmo assim, por algum motivo, se sentia vulnerável, de um jeito completamente novo. Normalmente, ignorava essas pessoas, fingia que não existiam.

E funcionava, quase sempre. Costumavam se cansar e a deixavam em paz, prontos para atacar a próxima vítima, de preferência alguém que lhes desse o que queriam: sangue e lágrima. Mas, desta vez, estava se dirigindo diretamente à boca da fera. Ia jantar com aquelas pessoas.

“Mas você não sabe se eles realmente são do tipo que faz *bullying*”, tentou se convencer. Claro, tinham feito aquele comentário

*image  
not  
available*

– Por que você não me falou? Estou tão malvestida. Você disse que eu estava bem!

– Desculpa! – Sua expressão de angústia ao perceber o constrangimento da garota era óbvia. – À tarde, costuma ser um ambiente mais casual, achei que você estaria bem-vestida. Nunca jantei aqui.

Dimple soltou um suspiro.

– Celia falou que o macarrão aos quatro queijos deles é incrível. Estava esperando um lugar pequeno, meio caseiro. – Outro pensamento lhe ocorreu, e ela ficou pálida. – Droga, não tenho como pagar isso. – Ela tinha como pagar, mas só se usasse o cartão de crédito que seus pais haviam lhe dado para emergências. Coisa que ela não queria, não queria mesmo, fazer. A conta ia direto para eles.

– Não se preocupe – falou Rishi, na mesma hora. – Eu pago.

A garota se virou para ele, com o rosto pegando fogo.

– De jeito nenhum.

– Mas...

– Eu não aceito esmolas. Além do mais, não quero ser a única que não vai pagar do próprio bolso, Rishi. Isso, com certeza, não vai pegar bem com essa gente.

Ele soltou um suspiro e, depois de alguns instantes, balançou a cabeça concordando.

## *Rishi*

A recepcionista levou os dois até a mesa, uma mesa grande no canto, iluminada por seu próprio lustre de madeira entalhada. Estava vazia.

– São os primeiros a chegar – disse ela, animada. – Por favor, sentem-se, que o garçom logo virá atender vocês.

– Obrigado – respondeu Rishi.

*image  
not  
available*

“Na verdade, não”, pensou Dimple. “Por que ele deveria poder se fazer de superior sendo que está errado?”

– Só que não – respondeu ela, sem conseguir se controlar.

Hari lhe lançou um olhar gelado e venenoso, e falou:

– Perdoe-me se não tenho vontade de seguir um conselho a respeito do meu nome de alguém que se chama “Dimple”.

A garota sentiu seus ombros se encolherem, por mais que tentasse não fazer isso. Não deveria dar tanta importância a alguém como Hari, mas não conseguia evitar. Sentia-se completamente maltrapilha e posta em seu devido lugar. O que, claro, era exatamente o que ele pretendia.

Evan deu uma gargalhada exagerada e falou:

– Cara... – com os lábios encostados no próprio punho cerrado.

Isabelle olhou para Dimple de esguelha. Um leve rubor estava aparecendo em suas bochechas.

– Para – resmungou. – Ela só está interessada em estabelecer uma ligação com alguém que vem do mesmo país.

Dimple se segurou para não revirar os olhos para a defesa bem-intencionada de Isabelle. Precisava de um cartaz tipo de homem-sanduíche escrito “Os Estados Unidos são o meu país também”.

Evan deu um sorrisinho.

– É, não liga para o Hari. “Harry”. Ele não é tão viajado como a gente.

Isabelle deu uma risada disfarçada e ficou mexendo na cruz, obviamente incomodada.

– Velejar no iate do papai não quer dizer que você é viajado.

Evan se recostou na cadeira e disse:

– Olha aqui, já fui para Manila, para Mumbai e para o Haiti, em missão. E aqui está a prova: assim que você chega ao aeroporto, dá para sentir *o cheiro* de países do terceiro mundo. Isso é uma coisa que os guias de viagem não contam. Pode perguntar para qualquer um.

*image  
not  
available*

– Ah. Bom, não quero revelar. “Inspirar” vocês sem querer, sabe? – Aí deu uma gargalhada e ficou só observando, satisfeito, Evan e Hari ficarem vermelhos. – Nossa ideia é boa nesse nível.

– Você não precisa se preocupar com isso, mano – disse Hari, olhando para Evan. – A gente é cheio de ideias. É uma pena ter que dividi-las com duas garotas. Não acredito que nos separaram mesmo depois do meu pai ter feito aquela doação.

Evan, pelo menos, teve a decência de ficar com a cara ligeiramente constrangida enquanto Isabelle choramingava, toda se lamuriando, feito uma menininha.

– *Ooolha*, a gente é tão boa quanto vocês. – E mostrou a língua, graciosa, mas algo na postura rígida dela deixava transparecer um incômodo profundo. Parecia tanto alguém que estava atuando no papel de menina rica, bonita e mimada que Rishi se perguntou se a garota ensaiava na frente do espelho para poder desempenhar melhor o papel.

Ao seu lado, Dimple se endireitou na cadeira.

– No mínimo, ter garotas na dupla de vocês vai só melhorar as suas ideias. – Nesse momento, ajustou os óculos, como sempre fazia quando se sentia especialmente animada com alguma coisa. Rishi tinha percebido isso. – Pesquisas mostram que mulheres são melhores programadoras...

Hari bocejou, um bocejo alto e demorado, cortando Dimple, que ficou completamente vermelha e se calou.

Rishi se virou para ele e disse:

– Bom, acho que isso só serve para demonstrar que nem todo o dinheiro do papai basta para comprar boas maneiras.

De canto de olho, ele viu que Dimple estava praticamente boquiaberta. Isabelle ficou estranhamente quieta, e Evan levantou os olhos do cardápio bem devagar. Hari se inclinou para frente, aproximando-se de Rishi com as bochechas morenas em um tom de fúcsia.



*image  
not  
available*

– Foi incrível – continuou, com um brilho nos olhos, como se não tivesse a menor ideia de que iam achar aquela história qualquer coisa, *menos* incrível. – Todas aquelas décadas, mais de um século de história! Quando eu ficava no pátio, na chuva, tinha a sensação de que os deuses estavam cantando no céu.

Celia estava com uma expressão confusa, como se estivesse sentindo uma corrente de ar estranha, mas não sabia o que era nem como tinha surgido. Hari bufou, debochado, mas não falou nada. Parecia estar um pouco envergonhado agora – Dimple percebeu que todos os *Aberzombies* pareciam estar, na verdade –, como se não soubesse o que fazer na presença de alguém que estava se sentindo tão obviamente à vontade com o fato de não ser descolado. Alguém que tinha a audácia de achar que *ele* era o descolado, quando era tão óbvio que não era.

Dimple limpou a garganta e falou:

– Isso é demais mesmo. – Obrigou-se a falar mais alto, com firmeza e clareza, sorrindo para Rishi. – Aposto que essas férias são muito mais significativas do que ir para as Bermudas e transar com uma garçonete que você nem lembra o nome.

E então lançou um olhar para Hari, e quase deu risada ao ver sua expressão. Parecia que o garoto estava se engasgando com uma espinha de peixe.

O garçom chegou com os pratos bem nessa hora, e todo mundo voltou sua atenção para a comida.

*image  
not  
available*

– Nós temos condições de pagar a nossa própria conta – disse Hari, por fim, parecendo mortalmente ofendido.

– Com certeza, senhor – respondeu o garçom. – O benfeitor estava simplesmente tentando fazer algo bom, creio eu. Como naquele filme, *A corrente do bem*.

Isabelle, que estava corada, comentou:

– É. Ou, tipo, foi um cara que queria pagar a *minha* conta e não sabia como fazer isso a não ser pagando a conta de todo mundo. – Aí olhou para o garçom e perguntou: – Por acaso ele deixou o número do telefone?

O garçom franziu a testa e respondeu:

– Não, senhorita. O benfeitor não deixou nada além de dinheiro. A senhorita quer pedir uma sobremesa?

Um tanto ofendida, Isabelle fungou.

– Bom... – Depois de alguns instantes de silêncio, disse, de má vontade: – Sim. Acho que vou querer o brownie de caramelo.

O resto do jantar transcorreu sem grandes problemas. Basicamente, todo mundo ficou falando da semana que estava começando, como iam fazer para se sair bem na Insônia Con e como seria difícil. Eles ouviram falar que algumas pessoas tinham trazido até comprimidos de cafeína para ficarem a noite inteira acordadas.

Celia tremeu e comentou:

– Eu não conseguiria fazer isso. Mas tomaria um Red Bull em qualquer dia da semana. – Ficou em silêncio, olhou em volta e completou: – Sério, qualquer dia da semana, estou disposta.

Todo mundo deu risada, até Dimple, que deu uma risada um tanto histérica porque estava muito feliz de o jantar estar quase terminando. Só queria voltar para o dormitório, tomar um banho bem quente e lavar o cabelo. Não sabia por que, mas lavar o cabelo a acalmava.

Dimple e Rishi terminaram a sobremesa ao mesmo tempo.

O garoto jogou o guardanapo em cima da mesa e levantou.

*image  
not  
available*

A garota chutou uma pedrinha. Viraram a esquina e chegaram ao semáforo.

– Não sei. Acho isso meio opressivo. Todas essas regras. A gente não pode namorar ninguém que não seja indiano. A gente não pode namorar, ponto final, antes dos 30 anos. – Nessa hora, olhou para Rishi. – A menos, é claro, que seus pais estejam tentando te arranjar um marido ou esposa. As garotas não podem se interessar mais pela carreira do que pelo casamento. Têm que usar maquiagem. Deixar o cabelo bem comprido.

Quando o sinal ficou verde, começaram a atravessar.

Rishi deu risada e comentou:

– Isso me parece bem ruim. Acho que não tive que enfrentar essas regras, com exceção da primeira e da segunda. Mas o fato é que essas coisas são tangenciais. Estou falando do contexto mais amplo. Da ideia de que um fio invisível nos liga a pessoas que vivem no lugar de onde viemos. De onde nossos pais vieram. Temos um mapa para nossa vida. Acho que isso torna tudo mais reconfortante, de certo modo. Seguro.

O garoto passou a mão no cabelo e enfiou no bolso em seguida, como se estivesse com vergonha de tudo o que acabara de dizer.

– Acho que ter um mapa torna a vida chata. E talvez eu não queira me casar, ter filhos nem nada disso. Talvez eu só queira uma carreira e nada mais.

Rishi olhou para ela com franqueza e sinceridade.

– E isso não te parece uma vida solitária?

Dimple ficou calada alguns instantes, refletindo. Nunca tinha pensado sob esse ponto de vista. Com sua incansável luta pela liberdade, nunca tinha parado para pensar de verdade em como seria o dia a dia. Por fim, sacudiu a cabeça e respondeu:

– Quando a gente tem uma mãe que é a própria superproteção em pessoa, qualquer tipo de solidão parece o paraíso.

*image  
not  
available*

no antiquário, quando ela tentou pegar a Polaroid, e acabaram ficando tão perto. E como o clima entre os dois se transformou.

Tentou pensar em coisas mais importantes, como o planejamento para a Insônia Con que tinham que fazer na manhã seguinte. Mas seus pensamentos teimosos continuavam voltando para aquela cena, passando incontáveis vezes o filme da lembrança de sua pulsação ficando acelerada, do sorriso de Rishi se esvaindo lentamente.

## *Rishi*

Ele ficou observando Dimple sem que ela percebesse. A garota estava perdida em seus pensamentos, e as emoções que transpareciam na sua expressão eram um tanto engraçadas. Meio que sonhadora, com uma pontada de irritação, aí voltava a ser sonhadora, e a irritação apagava tudo de novo. Seus lábios se retorciam, e o garoto ficou imaginando o que ela devia estar pensando.

Rishi limpou a garganta e falou:

– Olha, é, *āhn*, são só nove e meia. A gente podia fazer um pouco do planejamento, se você quiser. Ou também, quem sabe? Podemos deixar para amanhã de manhã, se você tiver outras coisas para fazer.

Ele não queria que aquela noite terminasse. O que era ridículo, porque tinha certeza de que devia haver outras mil noites que ambos classificariam como bem melhores do que aquela, graças aos *Aberzombies*.

Dimple olhou de relance para ele, entreabrindo os lábios, como se o garoto a tivesse pegado de surpresa. E, nesse instante, Rishi quis muito saber o que Dimple estava pensando.

– *Āhn*, não, sim. Parece uma boa. Só vou tomar um banho e vestir uma roupa mais confortável. Posso te encontrar no seu quarto, se você quiser. Não sei se já estou preparada para encarar a Celia quando ela voltar.



*image  
not  
available*

– *Kaisi ho?* Eu... estou com saudade, *beti*.

– Falei com a senhora hoje de manhã – respondeu Dimple.

Mas sabia do que sua mãe estava falando. Mal tinham conversado. E Dimple estava brava demais para ter uma conversa de verdade.

Dimple se sentou na cama, sentindo um nó na garganta. A mãe falava com uma voz suave, indefesa, que ela nunca tinha ouvido. Lembrou de quando era pequena e ficava doente, e sua mãe vinha sentar na beirada da sua cama, tirar o cabelo de sua testa febril e lhe dar leite com cúrcuma, *haldi doodh*. Era a solução mágica de sua mãe para qualquer situação. Normalmente, funcionava. Dimple seria capaz de matar alguém para ganhar um leite desses naquele exato momento.

– Também estou com saudade, mãe – respondeu, com a voz embargada.

– Você já jantou?

Há! Ah, se ela soubesse...

– Sim, já jantei. Em um restaurante novo, o Olmo.

– *Kaisa tha?* Gostou?

Dimple piscou. “Não. Odiei”, teve vontade de dizer. “As pessoas eram um saco. Minha colega de quarto tem esses novos amigos, zumbis que acham que sou uma aberração. Mas, pelo menos, não tive que pagar.” Engoliu em seco e falou:

– *Áhn*, é, foi legal, acho. Não chegou nem aos pés do seu lagostim ao *curry*.

A mãe da garota deu risada. Obviamente, tinha gostado do elogio.

– Nada é melhor do que comida caseira!

Dimple segurou o riso. Esse era um dos mantras de sua mãe. Toda vez que ela choramingava que queria pedir uma pizza de *pepperoni* porque estava cansada de comer o que a mãe estava cozinhando, a mãe soltava essa.

– Mãe, o papai lhe contou do... Rishi?

Em seguida, ouviu sua mãe respirar fundo.

– *Aham*. – Depois disso, houve um longo silêncio.

*image  
not  
available*

tinha que mandar uma mensagem. Ou grudar um bilhete na sua porta. Olhou para sua porta. Talvez tivesse um bilhete grudado do outro lado.

Às dez e vinte e três, estava atravessando o quarto para ver se tinha um bilhete na porta e ouviu uma batida. Soltou o ar.

Dimple estava do outro lado, com o cabelo meio molhado, sorrindo.

– Oi. Desculpa o atraso. Minha mãe ligou.

Uau. Como ela estava cheirosa. Rishi teve que se esforçar muito para não respirar bem fundo.

– Tudo bem. – Segurou a porta, esticou o braço e disse: – Entra.

Dimple entrou e vasculhou o lugar com os olhos.

– Você não está dividindo o quarto com ninguém? Como conseguiu isso?

Rishi sacudiu os ombros e passou a mão na nuca.

– Ah, meus pais insistiram em pagar uma suíte privativa – respondeu.

A garota olhou para ele, dando um sorriso malicioso. Mas, quando Rishi ergueu as sobrancelhas de um modo inquisidor, Dimple simplesmente desviou o olhar e voltou a inspecionar a cômoda, a cama, a escrivaninha.

– Ah, *khatta meetha!* Eu adoro.

Ele deu um sorrisinho. Aquilo o deixava irracionalmente feliz.

– Que demais. Fica à vontade.

– Você trouxe de casa? Ou encontrou um mercadinho indiano? – perguntou Dimple, enfiando um punhado da mistura de amendoim e flocos de arroz na boca.

– Minha mãe pôs na minha mala. Mas é uma boa ideia: a gente devia encontrar um mercadinho indiano. Fazer um estoque dos nossos salgadinhos preferidos para ter energia enquanto escrevemos.

Dimple concordou, balançando a cabeça.

*image  
not  
available*

Rishi tirou o braço da frente, mudou de posição na cadeira, constrangido, e ela se deu conta de que tinha acabado de soltar o ar na cara dele, e o garoto devia ter ficado enjoado.

– Ah, desculpa.

Afastou-se um pouco, mas não ao ponto de não conseguir ver o que estava rolando. Era fantástico. Rishi tinha desenhado uma horda de uns sete zumbis, cada um de um tipo, todos nojentos, mas de um jeito completamente bobo. Uns tinham os olhos saltados, e outros não tinham dentes ou tinham linhas onduladas de fedor saindo deles. Outros exalavam uma gosma do meio dos dedos. Todos avançavam em uma raposinha minúscula, circular, de olhos enormes e cauda bem fofa enrolada em volta do corpo.

– Viu? – falou Rishi. – Então, talvez, possa ter essa gangue enorme de zumbis errantes, e o usuário pode escolher um avatar, e os zumbis vão comer a raposa se a pessoa não se cuidar e não colocar os dados com a velocidade ou a regularidade devida. Sabe? Meio tipo *Plants vs. Zombies*, mas com mais ações de acompanhamento. – Nessa hora, olhou para ela e perguntou: – O que você acha?

Dimple balançou a cabeça, como se estivesse entendendo tudo, com o coração batendo forte no peito. Aquilo era bom. Aquilo era muito, muito bom. Já conseguia até ver.

– Eu tenho uma única preocupação. Grande – Rishi ficou esperando Dimple continuar falando, com uma ruguinha entre as sobrancelhas. – Será que dá para a gente fazer *aliens* em vez de zumbis? Zumbis estão tão batidos.

– *Aliens*? – Rishi revirou os olhos. – Você não tem mesmo a minha visão artística.

A garota lhe deu um soco nas costelas, com menos força do que gostaria. Mas, mesmo assim, ele se encolheu todo.

– Ai! Sabe que a maioria das garotas só dá um tapinha de brincadeira no braço e tal? Não machuca de verdade.

*image  
not  
available*

– Acho que é melhor voltar para o quarto. Te vejo amanhã de manhã? – perguntou.

Rishi deu um bocejo disfarçado e fechou o notebook.

– Sim, é uma boa. Quer que eu passe para te buscar?

A garota fez um coque improvisado e olhou para os próprios pés.

– Pode ser. Vamos para o mesmo lugar, né?

## Rishi

Não deveria, mas aquilo fez o coração de Rishi dar pulinhos de alegria. Quando é que ele ia aprender?

“Você está querendo acabar com o coração partido, Patel”, tentou se convencer.

Mas, por mais que isso fosse verdade, não conseguiu impedir o sorriso de se alastrar pelo seu rosto.

## Dimple

Dimple estava tão animada com tudo que tinham conseguido fazer – “e com o fato de que você e Rishi marcaram um *não encontro* que vai lhe permitir conhecer melhor a personalidade de quadrinista que esse garoto gosta de esconder”, disse uma vozinha dentro dela – que nem sequer notou a presença de Celia até ter tirado os sapatos e deitado na cama.

A amiga estava sentada na própria cama, encostada nos travesseiros, lançando um olhar de reprovação para Dimple, com o celular no colo, virado para baixo.

– Ah, oi – falou Dimple. E, de repente, lembrou, com um certo pânico, que não tinha pensado em nenhuma boa resposta.

– O que foi que aconteceu no restaurante, caramba? – perguntou Celia, mais em um tom de lamento do que de acusação. – Achei que vocês iam se dar bem!



que fizera há uns três anos, ainda meio quadrados e sem graça, por causa da falta de experiência do criador. À medida que os meses iam passando, os desenhos iam se transformando em algo vivo e dinâmico, fluido e vibrante. Tinha melhorado muito em relação à consistência dos personagens, ao desenvolvimento de suas características específicas e do seu próprio estilo. Sorriu ao ver as mudanças de Aditya à medida que o tempo passou. Por mais bobo e inconsequente que tudo aquilo fosse, desenhar sempre fora um alívio para Rishi. A arte era um modo de sossegar seu cérebro e se perder em um lugar que ele nem sequer sabia que existia.

Rishi guardou o caderno na mala de novo e colocou a bolsa no ombro. Quem sabe, ir à Mini Comic Con naquela noite não seria a pior coisa de todos os tempos. Poderia entender o que faziam as pessoas que apareciam por lá em busca de uma carreira como quadrinista. Apostava que a maioria dessas pessoas acabavam dando aula em cursos como esse, ou trabalhando com publicidade. E nenhuma dessas duas coisas lhe atraía, nem um pouco.

“Mas não vou mentir”, pensou, pegando a chave do quarto e fechando a porta. “O fato de Dimple Shah me acompanhar torna tudo mais atraente.” Ainda tinha mais uma parada antes de passar no quarto dela para buscá-la.

Só de pensar em vê-la de novo, seu estômago revirou, de um jeito nem um pouco prático.

## *Dimple*

– Que roupa é essa? – perguntou Celia, sentada na frente da cômoda/penteadeira. Tinha acabado de passar base em todo o rosto e pescoço com uma esponjinha.

Dimple tirou os olhos do computador, sacudiu os ombros e respondeu:

– Calça jeans?

Celia gemeu e segurou o cabelo, depois o alisou meticulosamente. Pôs uma tiara preta com um grande laço brilhante e falou:

– É a Mini Comic Con. Acho que as pessoas se fantasiam, não? Mandam ver?

Era sexta à noite e, pelo jeito, os *Aberzombies* tinham convidado Celia para ir a alguma festa.

Dimple mordeu o lábio. Não tinha sequer pensado nisso.

– Você acha?

Celia começou a desenhar no próprio rosto com o que lhe pareceu um giz de cera marrom bem grosso. Ao ver a expressão confusa de Dimple, a garota explicou:

– Corretivo. E, sim, acho mesmo. Por que você não dá um Google? Vê o que as pessoas fizeram nas edições anteriores? No panfleto está escrito “terceira edição anual”, aposto que deve ter umas fotos na internet.

– Boa ideia. – Dimple abriu o site do Departamento de Arte e gemeu: – Ah, não. – Foi abrindo foto por foto. As pessoas não apenas mandavam ver: elas iam à loucura. Tinha um comentário sobre um cara que tinha feito a própria fantasia de Homem de Ferro de sucata e depois passou uma tinta *spray* rosa iridescente incrível. Outra aluna fez a própria fantasia de Predador e demorou um ano inteiro para costurar tudo à mão. Era digna do Oscar, ou seja lá qual for o prêmio que se dá para fantasias. Tinha fantasias de grupo e fantasias feitas de materiais interessantes, fantasias ecológicas e fantasias que brilhavam no escuro... Dimple ficou parada olhando. – Caramba, por que o Rishi não me disse nada?

– *Ánh*, porque talvez ele não saiba? Você deveria mandar uma mensagem para o Rishi.

Celia passou uma sombra cor de sereia nas pálpebras. Ficou incrível com os olhos castanhos dela. Mesmo Dimple, que tinha aversão à maquiagem, era capaz de admirar.

Pegou o celular e digitou:

*Você sabia que todo mundo vai fantasiado? Com fantasias bem elaboradas?*

O aparelho tocou alguns segundos depois.

*Sim, é que nem a Comic Con, não? Só que menor.*

Dimple soltou um grunhido. Será que todo mundo sabe automaticamente dessas coisas?

Seu celular tocou de novo.

*Mas você não precisa se fantasiar. É minha convidada.*

*Bom, e você vai de quê?*

*Ahá! Segredo.*

A garota revirou os olhos. Que ótimo. Olhou para Celia e perguntou:

– Por acaso você tem alguma coisa pra me emprestar que dê para passar por fantasia?

Celia tinha praticamente trazido o armário inteiro de casa. Estava até ocupando uma parte do armário de Dimple, porque não couberam todas as roupas no seu.

Ela fez careta enquanto passava um batom dourado claro com pincel nos lábios. Quem passa batom com pincel? Ninguém que Dimple conhecia.

– Pode dar uma olhada. Só que eu só tenho roupas normais... De que você está planejando ir?

– Sei lá! – Dimple levantou as mãos, em desespero. – O único desenho que eu lembro de ter me interessado... – E parou de repente; uma ideia estava tomando forma. – Celia, você tem alguma blusa verde de manga comprida?

– *Hmmm...* – Celia pôs o batom e o pincel em cima da cômoda e foi até o armário. Um segundo depois, tirou de lá um moletom de capuz com zíper. – Que tal esse?

Dimple foi abrindo um sorriso, bem devagar.

– Acho ótimo. Posso pegar uma saia preta curta também?

# Dimple



**QUANDO** Rishi bateu à sua porta, às sete, Dimple nem estava nervosa. Sabia que sua fantasia estava incrível. O garoto ficou olhando para ela por menos de meio segundo antes de sorrir e falar:

– Eu adoro a Daria.

– Né? – Dimple também sorriu. Celia a tinha ajudado a fazer chapinha no cabelo, que ficou mais brilhante e comprido, bem abaixo do ombro. – Quem não adora? Mas acho que funcionaria melhor se a Celia pudesse vir também, para fazer a Quinn.

Rishi deu risada.

– Ah, cara... Onde é que você arranjou esses coturnos dos anos 1990? – Mas foi parando de rir quando percebeu que Dimple estava olhando atravessado para ele.

– São meus. Eu uso de vez em quando.

– Ah, eu, *ãhn*, são demais...

Dimple sorriu.

– Você não precisa fingir que gosta. Eu gosto, e não ligo que não estejam mais na moda ou sei lá o quê. E aí? Você está fantasiado do que eu acho que está fantasiado?

O garoto deu uma pirueta, bem de leve.

– É. Aditya, o Deus do Sol/super-herói a seu dispor.

– Que demais! E de onde você tirou essa *gada*?

Ela fechou a porta, e os dois se dirigiram juntos aos elevadores.

– Bom, acho que você deve se lembrar da nossa velha amiga Wanda. Voltei lá e expliquei o que estava buscando. Acontece que o marido dela é um ótimo ferreiro. E me ajudou a fazer isso aqui com uns pedaços de metal reciclado que tinha na oficina. Passei a tarde pintando os detalhes. O Kevin Keo, esse cara que conheci, do Departamento de Arte, foi bem legal. Ele me deixou ir lá e usar o material deles quando expliquei para o que era.

– Que demais – comentou Dimple, olhando para Rishi de cima a baixo, admirando, sem deixar que ele percebesse o quanto estava admirando. O garoto estava de *kurta* justa e calça jeans. Toda vez que balançava a *gada*, Dimple conseguia ver seus bíceps através do tecido fino.

O dia estava meio quente, apesar do nevoeiro, com um leve toque de perfume e colônia, porque os universitários andavam pelo campus, indo para diferentes eventos. Dimple adorou o burburinho e a energia, uma coisa meio bêbada, meio inebriante. O brilho das luzes da cidade mal aparecia por causa do nevoeiro, tingindo o ar de um tom de dourado quase mágico. Respirou fundo – e espirrou. Malditas alergias.

– Que os deuses te criem – disse Rishi.

Dimple ergueu as sobrancelhas e perguntou:

– Como assim, deuses?

O garoto balançou a cabeça, com um ar solene.

– Sendo adepto do hinduísmo, sou politeísta, como você deve bem saber.

Ela deu risada e retrucou:

– Sim. E também sei que a gente pode dizer Deus mesmo assim, não deuses. Ainda acreditamos que Brahma é o criador supremo.

Rishi deu um sorriso, um sorrisinho intrometido que se esboçou no seu rosto antes que ele pudesse impedir.

– Você me pegou. Esta é a minha versão de microagressão, para me vingar das pessoas.

– Pode explicar.

– Tá, ok. É assim que as coisas funcionam nos Estados Unidos: na primavera, somos submetidos constantemente a coelhinhos e ovos por todo lado, que simbolizam a ressurreição de Cristo. Aí, lá pra outubro, começamos a ver pinheiros, presépios e homens brancos e gordos rindo por todos os cantos. A iconografia cristã está por todos os lados, é jogada na nossa cara constantemente, até em conversas que não têm nada a ver. “Esta é a Bíblia dos quadrinistas...”, “Ele confessou seus pecados...”, e coisa e tal. Então, esse é meu jeito de dizer: “olha, talvez eu acredite em algo um pouco diferente”. E, toda vez que alguém me pergunta por que “deuses”, posso falar sobre o hinduísmo.

Dimple ficou ruminando aquela explicação, impressionada, ainda que a contragosto. O garoto realmente tinha um argumento válido. Por que o cristianismo sempre *era* o parâmetro?

– Ah... – Balançou a cabeça, ajeitou os óculos no nariz e completou: – Então, você está querendo dizer que é tipo uma Testemunha de Jeová do nosso povo.

Rishi retorceu os lábios, mas balançou a cabeça, bem sério.

– Sim. Sou Testemunha de Ganesha. É um nome que pega, você não acha?

Os dois atravessaram o gramado e foram para a esquerda, em direção ao prédio que, no mapa de Rishi, estava marcado com uma estrela: o local da Mini Comic Con. Alguém buzinou, ao longe.

– Não sei dizer se você é maluco ou só muito apaixonado por essa coisa de cultura – concluiu Dimple, depois de terem andado em silêncio.

O garoto deu uma risadinha.

– O Ashish, meu irmão, e eu, já tivemos essa conversa muitas vezes. – Rishi comentou isso com um tom descontraído, mas havia

algo de pesado por baixo dessa leveza. – Não sei como explicar... É só uma necessidade que tenho dentro de mim. Acho que só sinto isso com mais força do que a maioria das pessoas da nossa idade. Sinto necessidade de falar do assunto. Porque, se ninguém falar, se ninguém disser “esse sou eu, é nisso que eu acredito e é por isso que sou diferente e é por isso que não tem problema”, qual o sentido? Qual o sentido de viver nesse belo caldeirão de raças onde todo mundo pode ter coragem de ser o que quiser? – Nessa hora, sacudiu os ombros. – Além disso, você nunca foi para a Índia e ficou só no meio da família, ouvindo a história dos parentes e se sentiu... sei lá, com vontade de contar para mais pessoas?

Dimple ficou mexendo no zíper do moletom de Celia, evitando olhar Rishi nos olhos.

– Não sei. A última vez que fui para a Índia eu tinha 12 anos. As passagens são muito caras para os meus pais. Mas, mesmo quando fui, o que eu mais me lembro é de sentir que eu não me encaixava ali. Quer dizer, eu já estava naquela fase de estar no colégio e achar que a minha família era esquisita, diferente, e só queria, tipo, que eles fossem iguais aos outros pais. Mas aí eu fui para Mumbai e me dei conta de que, para o povo de lá, eu era norte-americana. Ainda era forasteira, ainda era estranha e ainda não me encaixava.

Ela prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha, sentindo aquele beliscão de entendimento de novo, igualzinho quando tinha 12 anos. A ficha tinha caído mesmo quando a prima Preeti, que tinha sua idade, apresentou Dimple para as amigas do bairro como “a prima americana”. Uma das meninas, ao ouvir o sotaque de Dimple, deu risada e a chamou de “*firang*”. Preeti explicou, com o rosto vermelho, que significava “estrangeira”. Preeti a defendeu, mas Dimple percebeu que não foi com muita convicção. Até Preeti achava que Dimple era *firang*. Ela simplesmente não se encaixava ali.

– Que interessante – falou Rishi. Uma leve brisa levantou seu cabelo, e ele ficou parecendo um adorável “Denis, o Pimentinha”

indiano. – Acho que sou o oposto. Eu me sinto indiano-americano aqui e, quando estou na Índia, me sinto só indiano. Vejo as duas coisas como equivalentes e válidas.

– Como você consegue ser tão bem-adaptado? – resmungou Dimple.

Rishi deu uma risada debochada.

– Demorou, juro. Passei por toda uma fase emo no Fundamental e cheguei a usar o codinome Rick. – O garoto se encolheu todo e completou: – Fico feliz que o apelido não tenha pegado.

Dimple deu risada.

– É, gosto muito mais de Rishi.

O garoto chutou uma pedrinha, que saiu voando.

– Para ser sincero, mesmo quando me sinto em casa culturalmente, não sinto a mesma coisa socialmente. Tipo, como você estava contando... Eu nunca me encaixei na turma da escola particular. Nunca tive bons amigos no Ensino Médio, pessoas que me deram vontade de manter contato. Não sinto saudade de ninguém.

Dimple não queria admitir o quanto aquilo que Rishi estava dizendo também valia para ela. Solidão. Era isso que Rishi estava descrevendo. E Dimple já sentira tanto isso que se tornara uma presença constante em sua vida, enroscada nela feito um gato quando dorme.

– Sei do que você está falando – disse, baixinho. – Infelizmente.

– Não acho que seja infelizmente. Deve ser por isso que a gente se dá tão bem. Mesmo depois de você *ter* me atacado violentamente quando a gente se conheceu.

Dimple deu risada de novo, e Rishi ficou olhando para ela, radiante, como sempre fazia quando a garota dava risada. Parecia que estava se deliciando com a alegria dela. Em vez de desviar o olhar, como sempre, Dimple também sorriu.

Alguma emoção transpareceu nos olhos de Rishi. Ela coçou o cotovelo, desviou o olhar e perguntou:



– Que foi?

– Nada.

O garoto olhou para o outro lado, mas um sorrisinho maroto se esboçou nos seus lábios.

Dimple deu um soco de leve nas costelas dele.

– *Que foi*, Rishi?

– Ah... – Ele passou a mão na nuca e olhou para Dimple meio de lado. – Essa é a primeira vez que você não finge que não vê o fato de ter um certo... efeito sobre mim quando dá risada.

Dimple sentiu as bochechas pegarem fogo e olhou para os próprios pés.

– Não faço ideia do que você está falando.

Rishi riu baixinho.

– Acho que faz, sim. Mas vou deixar passar, já que, obviamente, você não quer tocar no assunto.

E Dimple percebeu que estava se sentindo levemente decepcionada.

# Rishi



A **MINI** Comic Con seria realizada no prédio principal do Departamento de Arte. Assim que caminharam mais uma quadra, Rishi viu o prédio na esquina. Era uma construção enorme, moderna, com o térreo basicamente formado por janelas. Lá dentro, Rishi podia ver um burburinho colorido: grupinhos de pessoas fantasiadas se espremiavam entre os estandes, *banners* e apresentações. Sentiu uma pontada de nervosismo percorrer sua espinha: não fazia ideia de que o evento estaria tão cheio. Tinha uma escultura gigante de um biscoito da sorte do lado de fora, feito de – assim lhe pareceu – roupas velhas. Quando as pessoas passavam por ele, pegavam uma “sorte” de uma fenda.

– O que é aquilo? – perguntou Dimple, apertando o passo.

– Não sei – murmurou Rishi, ficando um pouco para trás, se arrependendo de não ter dito que não tinha interesse no evento quando conheceu Kevin Keo, na semana anterior. “Você tem interesse em fazer faculdade de arte? Não, obrigado.” “Isso não seria muito difícil, né, Patel?”

Quando se aproximaram da escultura, Rishi viu uma placa na frente da obra, na qual se lia: *BISCOITO DA SORTE DE ALFAIATARIA DE YAEL BORGER, 2017.*

“A estrutura do biscoito foi construída com canos de PVC, cobertos por uma camada de espuma. Roupas higienizadas vindas de um lixão envolvem o conjunto da obra. Tiras de tecido, nas quais foram impressas ‘sortes’ para cada espectador, podem ser puxadas do oco no meio da estrutura. Yael Borger é aluna do último ano do curso de belas artes da UESF e espera conscientizar as pessoas a respeito do desperdício de roupas e seu impacto no meio ambiente.”

– Interessante. – Dimple assobiou e pôs a mão na abertura para pegar uma sorte. Ergueu a sobrancelha ao perceber que Rishi não iria fazer o mesmo. – Vem logo. Você precisa pegar uma também.

O garoto soltou um suspiro e repetiu o movimento, levando sua mão ao grande buraco, bem no meio do biscoito, para puxar uma tira.

– Isso é muito esquisito – resmungou.

Dimple deu risada.

– Lê logo a sua. – Ela desdobrou sua tira, um pedaço de jeans azul-celeste com bordas desfiadas e palavras impressas em branco. – *Hmmm*. “A extinção se aproxima.” – Olhou para Rishi e perguntou: – O que está escrito na sua?

Ele virou sua tira de tecido amarelo de bolinhas pretas, escrito em vermelho:

– Isso não vai acabar bem.

– Uau. – Dimple deu risada. – Que fatídico.

Rishi amassou a tira e a colocou no cesto de reciclagem que havia ao lado da escultura.

– Cara, Yael Borger deve ser muito divertida. Você consegue imaginá-la em um jantar?

Então, com uma voz alegre, falou: – Oi, Yael, como você está? – Em seguida, com uma entonação sepulcral para representar Yael, ele respondeu: – Você vai morrer.

Dimple deu uma risada debochada.

– Pelo menos, está fazendo as pessoas pensarem e conversarem sobre a questão que ela quer que as pessoas pensem e falem. Missão cumprida, diria eu. Não é esse o objetivo da arte? – Nessa hora, os dois desviaram de um grupinho de alunos que conversavam na porta do prédio. – Tipo, por que você faz seus quadrinhos?

– Para sentir alívio – respondeu Rishi, antes que pudesse pensar em se censurar. Para os pais, sempre tomava o cuidado de dizer que os quadrinhos eram só um *hobby* divertido, sem grandes consequências. Dessa forma, os dois tratavam o assunto com mais compreensão. – É como pegar um balão de hélio gigante, cheio de preocupações, e simplesmente soltar.

O saguão era enorme, com chão de mármore, e as conversas animadas dos alunos e expositores ecoavam pelo local. Pendurado no centro do recinto, havia um banner gigante, parecido com aquele perto da mesa onde Kevin Keo estava no outro dia, com os seguintes dizeres: BEM-VINDOS À MINI COMIC CON! VOCÊ PODE TRANSFORMAR SUA ARTE EM CARREIRA. CONTE CONOSCO!

Um pôster gigante de Naruto Uzumaki pendia no corrimão da escadaria. Alguém naquele departamento obviamente amava anime. Havia estandes com banners gigantes mostrando diversos outros personagens de quadrinhos famosos espalhados pelo lugar. O garoto viu de tudo; de Pokémon a Harley Quinn, passando pelo Hulk. Do outro lado, Rishi avistou alguém em um estande lotado. Ficou sem ar.

– Ai, meus deuses. – Com o coração acelerado, pegou Dimple pela mão, sem pensar, e soltou imediatamente. – É o Leo Tilden.

– Quem? – Dimple acompanhou o olhar de Rishi. – Quem é esse?

– Ele criou esse personagem incrível, o Platinum Panic, para uma série de *graphic novels*. Eu leio desde que tinha, tipo, uns 10 anos. É meio o que me fez querer fazer quadrinhos. E o cara também faz uns vídeos incríveis no YouTube.

Rishi passou a mão na nuca. Aquilo parecia surreal. Ter o cara parado a menos de dez metros dele, depois de tê-lo idolatrado a distância por quase uma década, depois de ter dado risada de cada piada que Leo fez no YouTube. Depois de ter mandado uma carta vergonhosa para ele quando tinha 11 anos, dizendo que era seu fã – não que ele estivesse disposto a revelar esse fato para Dimple. Nem o fato de ter, até hoje, o cartão-postal que Leo lhe mandou, grampeado na última página do seu bloco de desenho. Nele, estava escrito “*Semper pingere* – Continue sempre desenhando”, em latim. O bordão do Platinum Panic era “*Semper sursum* – Sempre para cima”.

– Bom, anda logo, vamos ficar na fila para conhecer o cara.

Dimple segurou a mão de Rishi e foi se dirigindo para a fila.

O garoto nem teve tempo de processar que: (a) Dimple tinha pegado na mão dele por livre e espontânea vontade e (b) o quanto aquilo era bom, porque estava começando a surtar.

– *Áhn*, não sei, não – falou Rishi, puxando Dimple para trás.

Tudo aquilo estava acontecendo rápido demais. Era coisa demais. Ele tinha dito “sim” para Kevin Keo, mas deveria ter dito “não”. E agora que estava naquela convenção gigantesca, e seu ídolo estava bem na sua frente: estava caindo em alguma toca do coelho dos quadrinhos. “É como tentar se afastar da garota que você ama loucamente, mas sabe que te faz mal”, pensou. Você não se aproxima, porque é a única maneira de se salvar. Você não se aproxima porque sabe que, caso se aproxime, ficará completamente desarmado e desamparado diante de tudo o que ama nela. O afastamento é a promessa de segurança. Sem afastamento, Rishi sabia que o amor inexorável pela sua arte, pela criação, o sugaria e jamais soltaria.

Dimple se virou para ele, espremendo os olhos.

– Como assim, não sabe? Você acabou de falar que esse cara é seu ídolo, né? – Algo na expressão do garoto a fez ser menos agressiva. Dimple pousou a mão no braço de Rishi e perguntou: – Que foi?

– Eu não esperava tudo isso. – Nessa hora, meio que apontou para Leo Tilden. – Era para ser um evento pequeno. – Então apontou para o banner de boas-vindas, no qual estava escrito “Mini Comic Con”. – Viu só? “Mini”. Até o nome diz.

Em seguida, deu um sorriso, mas não foi de coração.

Dimple ficou examinando o garoto por alguns instantes.

– Você está com medo de não se encaixar aqui? Ou de se encaixar demais?

Rishi olhou para a garota, surpreso. Como tinha verbalizado, de forma tão rápida e sucinta, tudo o que ele estava sentindo?

– E você é o quê? Alguém que lê pensamentos?

Dimple sorriu.

– Olha, vamos só conhecer Leo Tilden, aí podemos ir embora. Você não precisa nem contar que desenha nem nada. Pode fingir que está fantasiado de algum personagem de quadrinhos indiano que ninguém conhece. – Nessa hora, sacudiu os ombros e completou: – O que você tem a perder?

A garota tinha razão. Quando Rishi lembrasse daquilo, dali a um ano, já estudando no MIT, nenhum desses sentimentos estariam em suas memórias: lembraria apenas que tinha conhecido Leo Tilden. E essa lembrança permaneceria para sempre.

Balançou a cabeça e respondeu:

– Tudo bem, Daria. E, quem sabe, depois a gente pode ir tomar um sorvete e tal.

Dimple deu um sorriso e declarou:

– Vamos nessa.

# Rishi



– **OI.** – Era a voz característica de Leo Tilden, em carne e osso. Uau.

Rishi deu um sorriso, mas não sabia se estava sorrindo de um modo socialmente apropriado. Ou seja: estava mostrando todos os dentes. Só que o homem alto e musculoso do lado de Leo Tilden – que devia ser Sven, seu assistente – parecia levemente perturbado. Dimple deu uma cotovelada nas costelas do garoto.

– *Áhn*, o-oi. Eu... eu sou um grande Rishi. – Nessa hora, ouviu Dimple dar risada. “Ai meus deuses.” Por acaso ele tinha acabado de dizer “eu sou um grande Rishi?” – Fã – corrigiu, sentindo que a sua cara inteira estava prestes a explodir em chamas. – Sou um grande fã. Meu nome é...

– Deixe-me adivinhar... – disse Leo, sorrindo. – Rishi. – O quadrinista lhe estendeu a mão. Ao seu lado, o robusto Sven relaxou. – Muito prazer, cara.

– O prazer é meu – falou Rishi, com a sensação de que estava em um sonho bizarro. Fez questão de pronunciar bem as palavras e olhar para Leo o tempo todo. Sabia, pelos vídeos do ídolo no YouTube, que o artista usava aparelho auditivo, o que lhe permitia ouvir, mas não tão bem quanto uma pessoa sem deficiência auditiva. – Li *Platinum*

*Panic* quando tinha 10 anos. Foi o que me fez querer fazer quadrinhos. Lembro de descobrir que você era o único quadrinista surdo a alcançar tamanho sucesso. Para mim, foi... – sacudiu a cabeça e continuou – ... significativo. Como se não houvesse problemas em não seguir as regras.

Leo também sacudiu a cabeça e respondeu:

– Total, é até *necessário* não seguir as regras. Precisamos de mais gente sacudindo as coisas. Foi aqui que eu comecei, na UESF. Eles mandam muito bem no quesito “dar voz à diversidade”. – Então apontou para a roupa de Rishi e perguntou: – Você está fantasiado de quê?

Rishi olhou para baixo. Tinha, sinceramente, esquecido que estava usando aquela fantasia. Teve a sensação de que a sua boca era o deserto do Rajastão.

– *Áhn*, de n-nada.

Leo ergueu a sobrancelha cabeluda.

– De nada? – Em seguida, apontou para a *gada* que o garoto segurava e perguntou: – Você sempre anda por aí carregando esse negócio?

Dimple lhe deu mais uma cotovelada. Rishi a ignorou.

– É só... não é...

– É o Aditya, o Deus do Sol/super-herói. E foi ele que criou o personagem, há uns dois anos. – Triunfante, Dimple lançou um olhar de desdém para Rishi. Depois ele teria uma Conversa Muito Séria com aquela garota. Tentou transmitir isso pelo olhar. Mas, pelo jeito, ela não entendeu. Ou, se entendeu, não ficou nervosa o bastante.

– Sério? – Leo se aproximou. – Você tem alguma arte aí com você?

A bolsa que Rishi levava no ombro ficou pesada. O caderno de desenho estava lá dentro. Anos de trabalho. Tinha até algumas páginas bem recentes, finalizadas e tudo mais. Estavam dignas de mostrar para Leo Tilden. Não seria vergonhoso nem nada.